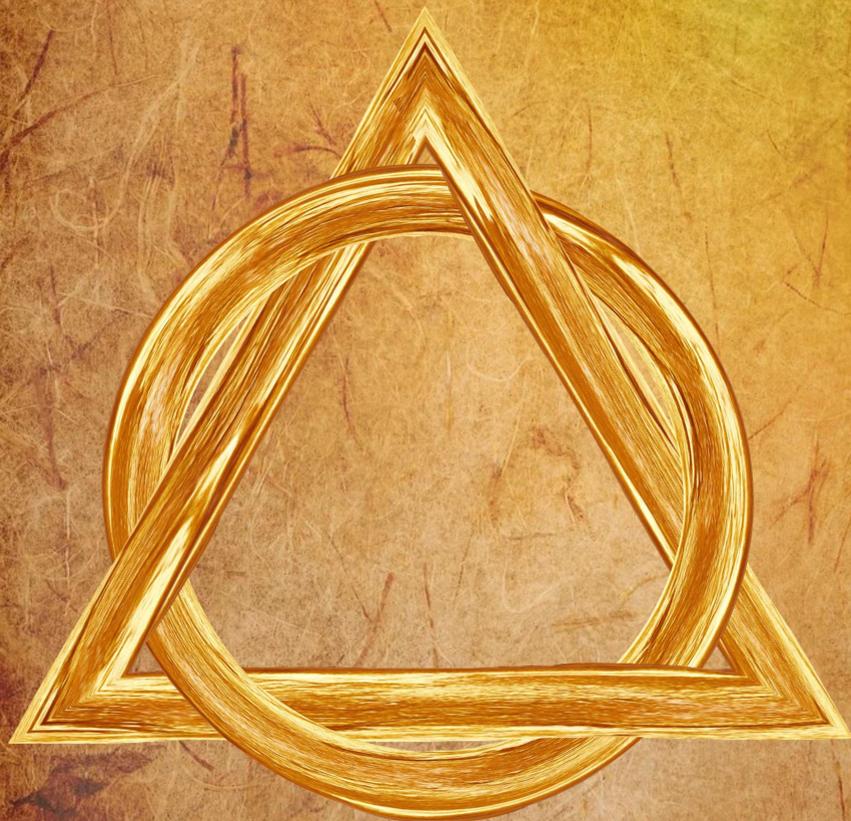




revista cristã
última chamada



Trindade

O Mistério da Unidade

César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

Trindade

O Mistério da Unidade

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Trindade

O Mistério da Unidade

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo

(Imagem de Philip Barrington por Pixabay.com)_____

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Novembro de 2024

Índice

Sobre o Autor	08
Apresentação	09
Cristo e a Liberdade no Ocidente	10
O Espírito Santo e a Importância de Seu Reconhecimento	11
A Trindade e a Definição da Pessoa Humana	12
Conclusão desta Apresentação	12
Introdução	
A Trindade: definindo a doutrina	14
O triângulo equilátero e a Trindade Divina	20
A Analogia do "corpo humano" para explicar a Trindade	21
Deus se Manifestou a Abraão na Forma de Três Pessoas Visíveis	24
A palavra "Trindade" não está na Bíblia	35
Tertuliano e a Criação do Termo "Trindade" e o Conceito de "Personas"	36
A doutrina da Trindade é de origem pagã	41
O Fato de que Deus é Amor Prova a Trindade	45
Trindade Ontológica e Econômica	45
Capítulo 1	
Há somente "um Deus"	48
A Controvérsia sobre as Palavras "Echad" e "Yachid"	48
A Unidade de Deus nas Escrituras	52
A Unidade Composta de Deus no Novo Testamento	53
Capítulo 2	
Jesus Cristo é o Verdadeiro Deus e a Vida Eterna	59

"e o Verbo era Deus"	63
Jesus foi Adorado como Deus	72
"...antes de Abraão nascer, Eu Sou!"	81
Deus tem Sangue e Carne?	82
"...embora sendo Deus, não considerou que..."	83
"...é grande o mistério da piedade..."	87
Mais textos que Provam que Jesus Cristo é Deus	93
Jesus é Eterno	107
Jesus é Todo-poderoso	110
Jesus é Onisciente	113
Jesus é Onipresente	117
Jesus é Senhor (Kyrios)	120
Capítulo 3	
O Espírito Santo é Deus	126
Sua Divindade	126
Sua Personalidade	127
Seu Senhorio	127
Onipresença	128
Onipotência	128
Onisciência	129
A Heresia de ser Ele a Força Ativa de Deus	129
A Blasfêmia contra o Espírito Santo	135
Conclusão deste Capítulo	136
Conclusão: a doutrina da Trindade é Verdadeira!	138
Obras importantes para pesquisa...	140

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Apresentação

A Trindade Santa e a Contribuição para a Liberdade no Ocidente

A Trindade Santa, composta pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, é o mistério central da fé cristã. Ela revela o Deus único em Sua essência e Sua ação reveladora, salvadora e santificadora no mundo. Essa doutrina, que se desvela ao longo da Escritura e da Tradição, não é apenas um fundamento teológico, mas também um alicerce para entender a dignidade da pessoa humana, o sentido da liberdade e a ordem das sociedades.

O conceito de que o homem Jesus Cristo é completamente Deus e completamente homem – a Encarnação – representa um marco crucial na história da salvação. É através de Cristo, o Rei e Sacerdote Absoluto, que se realiza a verdadeira liberdade, tanto espiritual quanto social. A vitória sobre o pecado e a morte, com a ressurreição de Cristo, anuncia a possibilidade de uma nova ordem, onde o homem é chamado à liberdade plena, não mais submisso a ídolos ou tiranos, mas ao único Senhor que é a fonte de toda a dignidade humana.

A reflexão sobre a Trindade, e particularmente sobre a centralidade de Cristo como Rei e Sacerdote, também foi determinante para a construção do pensamento ocidental sobre a liberdade. Ao afirmar que Cristo é o único Rei e Senhor, e que toda autoridade humana se

submete à Sua soberania, o cristianismo desafiou as estruturas de poder absolutistas, sejam elas religiosas ou políticas. A liberdade que emergiu dessa concepção teológica foi uma liberdade radical, que não se baseia na autonomia do indivíduo em relação a um Estado opressor, mas na relação com Deus e na subordinação a Ele como único Senhor.

Essa visão contribuiu para a criação de uma cultura onde a dignidade da pessoa humana é respeitada, e onde as instituições políticas, sociais e religiosas, embora necessárias, não possuem uma autoridade absoluta. O cristianismo, especialmente através da doutrina da Encarnação, defende que a verdadeira liberdade está na relação com Deus e no reconhecimento de que a natureza humana encontra seu cumprimento na imagem e semelhança do Criador.

Cristo e a Liberdade no Ocidente

A crença na Encarnação e na divindade de Cristo foi decisiva para a fundação da liberdade na civilização ocidental. No momento em que a história registra o advento do cristianismo, o Império Romano estava imerso em uma estrutura de dominação e autoritarismo, onde os deuses eram entendidos como forças cósmicas que sustentavam e legitimavam o poder do imperador. O cristianismo, ao afirmar que o único Deus verdadeiro se fez homem em Cristo, desafiou esse *status quo*. A Encarnação de Cristo revelou um Deus que se faz próximo ao ser humano, que sofre, morre e ressuscita para sua salvação. Isso não apenas reconfigurou a relação do ser humano com Deus, mas também transformou o entendimento de poder e autoridade.

Cristo, como o Rei absoluto e o Sacerdote eterno, não necessita de intermediários para interceder por nós. Sua soberania não é uma soberania política, mas uma soberania que transcende todas as esferas humanas. Assim, a autoridade humana, seja do Estado, da Igreja ou

da Família, deve estar sempre em relação com essa soberania divina. É através dessa lente que podemos entender a origem de um dos maiores legados do cristianismo para o Ocidente: a noção de liberdade individual, que não é absoluta nem arbitrária, mas fundamentada na verdade e na dignidade dada por Deus.

O cristianismo, com sua visão de que a liberdade é um dom de Deus, abriu caminho para a emergência de conceitos como a dignidade da pessoa humana, os direitos humanos e a separação entre Igreja e Estado. A liberdade, nesse contexto, não é vista como mera independência de todas as formas de autoridade, mas como a capacidade de escolher o bem, de agir de acordo com a razão e a moral cristã, em submissão a Cristo como Senhor. Esse entendimento gerou uma revolução não apenas no campo religioso, mas também no político e no social.

O Espírito Santo e a Importância de Seu Reconhecimento

O Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, é aquele que vivifica a Igreja, orienta os cristãos e manifesta o amor de Deus no mundo. O reconhecimento de Sua divindade é crucial para a compreensão plena da natureza divina e humana, pois sem o Espírito Santo, a humanidade não poderia ser renovada nem capacitada para viver a liberdade em Cristo. Ele é o agente da transformação interior, que move os corações humanos a viverem de acordo com a vontade de Deus.

O Espírito Santo não apenas ensina e guia, mas também habita naqueles que são batizados, tornando-os templos vivos de Deus. O reconhecimento de Sua divindade e ação no mundo é fundamental para entender como a liberdade cristã é vivida na prática. Não se trata de uma liberdade abstrata ou isolada, mas de uma liberdade que é

animada pela graça divina, que nos capacita a fazer o bem, a buscar a justiça e a viver em comunhão com os outros.

A Trindade e a Definição da Pessoa Humana

Por fim, a Trindade contribui decisivamente para definir o que é a pessoa humana. O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é uma pessoa que, à semelhança da Trindade, é chamada à comunhão. A vida de Deus é marcada pela relação, pelo amor e pela liberdade. Na Trindade, o Pai se dá ao Filho, o Filho se recebe do Pai, e o Espírito Santo é o vínculo de amor entre eles. Essa dinâmica de doação e reciprocidade é o modelo para a vida humana.

A pessoa humana é, portanto, chamada à comunhão: com Deus, com os outros e com a criação. Não somos seres isolados, mas seres em relação. A verdadeira liberdade humana, como a liberdade de Cristo, não é a liberdade para fazer o que se quer, mas a liberdade para viver conforme a verdade e o amor, como a Trindade nos ensina. Isso implica uma visão de dignidade e de responsabilidade, pois, ao refletirmos a imagem de Deus, somos chamados a viver em harmonia com a ordem divina, buscando a unidade na diversidade e o bem comum.

Conclusão desta Apresentação

A doutrina da Trindade Santa não é apenas um princípio de fé, mas também uma base profunda para compreender a liberdade, a dignidade humana e a justiça. Em Cristo, reconhecemos a verdadeira liberdade, que vem da relação com Deus e da submissão ao único Rei e Sacerdote que é soberano sobre todos os homens e todas as

instituições. O Espírito Santo, por Sua ação, nos capacita a viver essa liberdade, a buscar o bem e a viver em comunhão com Deus e com os outros. A Trindade, portanto, não é apenas a revelação do Ser divino, mas também a chave para entender a verdadeira natureza da pessoa humana e do mundo em que vivemos.

Introdução

A Trindade: definindo a doutrina

A Fé Cristã oferece uma compreensão profunda e multifacetada sobre Deus, contemplando Sua natureza, mistério e infinitude. Para os cristãos, fundamentados nas Escrituras, Deus é o Ser Supremo, único e incompreensível, que se revela ao mesmo tempo como transcendente e imanente ao Universo. Ele é o Criador de tudo que existe, possuindo qualidades essenciais como a Eternidade, Onipotência, Onisciência e Onipresença, atributos que refletem Sua soberania absoluta sobre todas as coisas.

Semelhante ao Judaísmo, o Cristianismo reconhece que Deus é, por Sua própria natureza, um mistério que vai além da capacidade de compreensão humana. Sua essência transcende os limites da razão e do entendimento humano.

Sobre isto, as Escrituras afirmam:

“Você consegue perscrutar os mistérios de Deus? Pode sondar os limites do Todo-poderoso?

São mais altos que os céus! Que é que você poderá fazer? São mais profundos que as profundezas! O que você poderá saber?

Seu comprimento é maior do que a terra e a sua largura é maior do que o mar”.

- Jó 11:7-9

Seguindo esse raciocínio do livro de Jó, São João Damasceno, presbítero do século VIII, tinha “presente a fé em um só Deus, único principio, privado de principio, incriado, indestrutível, imortal, eterno imenso, ilimitado, de infinito poder, simples, não composto, incorpóreo, imutável, impassível, invisível, fonte de toda a bondade e justiça. O presbítero também dizia que Deus é luz inacessível, fundador de todas as coisas, seja daquelas visíveis que das invisíveis, providente de tudo, conservador de tudo, com o reino perpétuo e imortal”.¹

Essa grandiosidade de Deus expressa por São João Damasceno se encontra descrita pelo apóstolo Paulo, quando escreveu que Deus “é o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que é imortal e habita em luz inacessível, a quem ninguém viu nem pode ver. A ele sejam honra e poder para sempre. Amém” (1ª Timóteo 6:16). Esta é a infinitude e eternidade de Deus.

O conceito de infinitude ocupa um lugar central nessa reflexão. Sua infinitude é entendida como uma qualidade de ser eterno, sem começo ou fim, livre de qualquer limitação temporal ou espacial. Deus está além das restrições do tempo e do espaço, sendo ao mesmo tempo a origem e o sustentador de toda a criação. Ele é a fonte de toda existência, abrangendo tudo dentro de Sua própria eternidade, sem que nada esteja fora de Seu domínio. São João Damasceno escreveu que “a fé em Deus preenche todas as coisas sem ser por nenhuma circunscrita, antes Ele mesmo circunscribe tudo, porque tudo contém e a tudo provê, pois ele penetra todas as substâncias deixando-as intactas além de estar em todas as coisas,

¹ Cfr. Giovanni Damasceno. Esposizione della fede ortodossa, 1,8. In: La teologia dei padri, v. 1. Roma, Città Nuova Editrice, 1981, pg. 37. Apud Dom Vital Corbellini, Bispo de Marabá – PA, *O Deus Uno e Trino como mistério, dom e missão na vida humana e cristã*, site: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-06/o-deus-uno-e-trino-como-misterio-dom-e-missao-na-vida-humana.html> Acessado dia 13/11/2024

transcendente a toda substância, superior a toda coisa, superior pela sua divindade, bondade, plenitude. Ele está sobre toda a ordem e a todo o poder, mais alto por essência, vida, palavra, inteligência. O Deus é a luz mesma, a vida mesma, não recebendo de nenhum ser nem das coisas que existem, mas antes Ele mesmo é a fonte do ser por tudo aquilo que é a vida, por tudo aquilo que vive, dá razão por todas as criaturas que fazem uso”.²

Os fieis são chamados a acreditar num só Deus

Além de Sua infinitude, a Bíblia sublinha a santidade de Deus, um atributo que revela Sua perfeição e pureza absolutas. Essa santidade é descrita como algo inatingível para os seres humanos, cujas vidas estão marcadas pelo pecado. A distância entre a natureza santa e perfeita de Deus e a condição imperfeita do homem é um tema recorrente nas Escrituras, o que leva o cristão a se aproximar de Deus com humildade, temor e reverência.

Portanto, a Fé Cristã ensina que a relação com Deus é marcada pelo reconhecimento de Sua grandeza incomparável e pela aceitação do mistério que envolve Sua presença. A reverência diante de Sua santidade e a admiração por Sua infinita grandeza são fundamentais para a vida do cristão, que se vê diante de um Ser cuja majestade transcende toda a compreensão humana.

O que foi dito até agora sobre a natureza insondável de Deus, embora pareça evidente para todos os que creem em Sua existência, acaba gerando certa resistência quando se chega à doutrina da Trindade. Mesmo aqueles que reconhecem a soberania de Deus e aceitam Sua essência misteriosa, como nos ensina as Escrituras, muitas vezes se deparam com dificuldades diante dessa doutrina, classificando-a como algo confuso ou paradoxal. Mas isto é hipocrisia

² Idem nº 1.

religiosa! Veja o exemplo das Testemunhas de Jeová quando falam acerca da doutrina da Trindade:

“Assim, a Trindade é considerada como “um só Deus em três Pessoas”. Diz-se que nenhuma delas teve princípio, que sempre existiram. Que cada qual é todo-poderosa, nenhuma maior ou menor do que as outras.

É difícil de captar esse raciocínio? Muitos crentes sinceros o consideram confuso, contrário ao raciocínio normal, diferente de tudo em sua experiência. Como, perguntam, poderia o Pai ser Deus, Jesus ser Deus e o espírito santo ser Deus, mas, ao mesmo tempo, não existirem três deuses mas apenas um só Deus?”³

Mas as mesmas Testemunhas de Jeová se contradizem em outra literatura ao falar sobre o mistério da eternidade de Deus:

“Será que Deus teve começo?

Sal. 90:2: “Antes de nascerem os próprios montes ou de teres passado a produzir como que com dores de parto a terra e o solo produtivo, sim, de tempo indefinido a tempo indefinido, tu és Deus.”

Há lógica nisso? Nossa mente não pode compreender isso plenamente. Mas não é uma razão sólida para o rejeitar. Considere estes exemplos: (1) O tempo. Ninguém pode indicar um determinado momento em que o tempo começou. E é um fato que, embora a nossa vida termine, o tempo não acaba. Não rejeitamos a idéia de tempo só porque há aspectos a respeito dele que não entendemos plenamente. Antes, regulamos a nossa vida por ele. (2) O espaço. Os astrônomos não encontram nem começo nem fim do espaço. Quanto mais distante investigam o universo, tanto mais espaço existe. Eles não rejeitam o que a evidência indica; muitos

³ Brochura *Deve-se Crer na Trindade?* Site: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1101989301> Acessado dia 13/11/2024

dizem que o espaço é infinito. O mesmo princípio se aplica à existência de Deus.

Outros exemplos: (1) Os astrônomos nos dizem que o calor do sol no centro é de 15.000.000 de graus centígrados. Será que rejeitamos essa idéia porque não podemos compreender plenamente tal intenso calor? (2) Eles nos dizem que o tamanho da nossa Via-Láctea é tão grande que um feixe de luz viajando a 300.000 quilômetros por segundo levaria 100.000 anos para atravessá-la. Será que a nossa mente avalia realmente essa distância? Contudo, nós aceitamos isso, porque a evidência científica o apóia”.

Esse tipo de resistência é compreensível, visto que a Trindade desafia a mente humana, mas, como no caso das Testemunhas de Jeová acima, em algum aspecto da infinitude de Deus vamos nos deparar com o desafio de nossas lógicas. A tendência em buscar explicações lineares e racionais para tudo o que se conhece acaba criando ídolos segundo a imagem e semelhança humana. No entanto, é justamente a natureza divina de Deus, Sua infinitude e mistério, que nos leva a entender que não podemos reduzir Sua essência a meros conceitos humanos. A Trindade, longe de ser um enigma sem sentido, é uma revelação da complexidade e profundidade de Deus, em Suas três pessoas distintas, mas co-iguais e consubstanciais.

Em vez de um obstáculo, a doutrina da Trindade deveria ser vista como um convite a adentrar mais profundamente o mistério da relação perfeita entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e compreender que, embora Deus se revele em formas distintas, Ele permanece um só em Sua essência. Para aqueles que aceitam que Deus é infinito, eterno e além da compreensão humana, a Trindade não é uma contradição, mas uma expressão mais plena da Sua grandiosidade, revelando Sua ação no mundo e Sua relação com a humanidade de maneira única e incomparável.

Assim, a resistência à doutrina da Trindade, em vez de indicar uma falha na própria doutrina, revela a limitação do entendimento humano diante da magnitude do mistério divino. A Trindade não é uma teoria a ser compreendida completamente pela razão humana, mas uma verdade revelada, que nos convida a transcender as limitações do entendimento e a viver em humildade diante do mistério de Deus.

A partir do momento em que o mistério da Trindade é negado, o que se cria não é apenas uma interpretação alternativa, mas um ídolo no lugar do Deus revelado nas Escrituras. Isso ocorre porque, ao tentar substituir ou reinterpretar a doutrina da Trindade de forma a ajustar Deus aos parâmetros humanos, acaba-se distorcendo Sua verdadeira natureza e estabelecendo uma versão limitada e humana de Deus — um ídolo.

Mas tem alguma importância que alguém crê a respeito de Deus? Tem efeito na vida prática e relação com os seres humanos? Sim! Tem muita importância. Aliás, o que uma crê reflete em seu estilo de vida. não importa no que ela crê, o resultado é que o estilo de vida será afetado seja para o bem como para o mal. É por isto que Jesus disse:

“Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”.

- João 17:3

Não é possível ter a vida eterna sem o conhecimento do verdadeiro Deus. Em tudo na vida é assim, se não tivermos conhecimento acerca do que é verdadeiro, o resultado não será benéfico. No caso a respeito de Deus - conhecê-lo é fundamental - pois tem consequências eternas, seja para a vida como para a morte eterna.

E muitos não procuram conhecê-lo e nem aceitá-lo tal como Ele é. Assim sendo, todas as religiões que tentam construir uma visão de

Deus que não esteja de acordo com o que as Escrituras estão, consciente ou inconscientemente, envolvidas na idolatria – a qual Deus condena. Ao tentar reduzir a infinitude de Deus a conceitos ou categorias que se ajustam à compreensão humana, essas crenças acabam criando um "deus" que é mais controlável e compreensível, mas que não é o Deus vivo, o Deus revelado nas páginas da Bíblia.

As Escrituras nos ensinam que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas distintas, mas de uma única essência divina. Negar essa doutrina, ou distorcê-la, é negar a plena revelação de Deus como Ele se apresenta na Bíblia. A negação da Trindade, portanto, não é uma simples diferença teológica, mas uma questão de fé que impacta diretamente a compreensão de quem Deus realmente é. Ao criar um "deus" diferente, que se ajusta ao entendimento humano, se coloca algo ou alguém no lugar de Deus, substituindo a verdadeira revelação por um ídolo.

Isso é particularmente evidente em religiões ou movimentos que tentam reinterpretar a Bíblia de maneira que minimize a complexidade da Trindade – como é o caso das Testemunhas de Jeová e outros grupos. Ao fazer isso, essas correntes acabam simplificando demais à natureza divina, o que leva a uma distorção do Evangelho. A consequência é que, ao invés de se adorar o Deus verdadeiro, o adorador acaba se prostrando diante de uma imagem que não é de Deus, mas de um "deus" moldado à sua própria semelhança.

O triângulo equilátero e a Trindade Divina

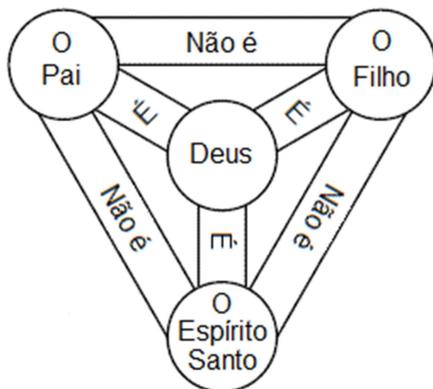


Imagem da internet.

O triângulo equilátero, com seus três lados e três ângulos iguais, pode ser uma boa ilustração para entender o conceito da Trindade divina. Creio ser a única ilustração que mais reflete o que de fato é a Trindade Divina. Cada lado e cada ângulo do triângulo é essencial para sua forma, mas todos são iguais e inseparáveis, formando uma única figura. Da mesma forma, a Trindade revela a essência de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo — três pessoas distintas, mas de uma única substância divina. Embora distintas em função, essas três pessoas são igualmente Deus, indivisíveis em Sua natureza. O triângulo, assim, expressa a unidade e a igualdade das três pessoas da Trindade, refletindo o mistério divino de um Deus em três pessoas. Então Deus é manifestado em três Pessoas, não três Deuses. Ao mesmo tempo, essas três Pessoas são inseparáveis, pois se fossem separadas; Deus estaria fragmentado e não seria o Deus infinito. O mesmo acontece com o triângulo equilátero. Se cada ponta do triângulo for arrancada dele, o triângulo deixa de ser uma unidade.

A Analogia do “corpo humano” para explicar a Trindade

Várias analogias já foram utilizadas para tentar explicar a Trindade à mente humana. Todas são válidas, mas, por serem limitadas, não conseguem alcançar o conceito do infinito. Na minha opinião, a mais adequada de todas é a analogia do “triângulo equilátero”, que vimos no tópico anterior. No entanto, quero compartilhar uma analogia que desenvolvi (e que creio que outros também possam ter formulado), que é a do “corpo humano”.

Quando falamos que Deus é três Pessoas distintas, logo tendemos a pensar em três corpos humanos ou em três pessoas, como vemos no nosso dia a dia. Neste caso seria o chamado “Triteísmo”. Neste conceito, é entendido que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três deuses separados, não apenas três personalidades distintas dentro de um Deus. Seguindo essa tese, não há uma essência no Ser de Deus, mas há três essências, unificadas de alguma maneira. Cada Pessoa da Trindade é igual às outras duas, mas são tão radicalmente separadas quanto três homens individuais são separados um do outro. O Triteísmo é um absurdo porque está dividindo o Ser infinito de Deus em três partes. Mas não há como haver três infinitos. O infinito abrange uma coisa só, que não tem fim, que não se pode medir jamais por ser o todo. A partir do momento que se divide em três já não é mais infinito, mas finito.

Mas voltando ao assunto da distinção das Pessoas da Trindade, imagine por um momento que, ao invés de usar a palavra "Deus", você a substitua pela palavra “corpo” ou “corpo humano”. Suponhamos que o corpo humano seja Deus. Obviamente, estamos lidando com uma limitação, mas tente imaginar que dentro do cérebro dessa pessoa (que estamos tratando como Deus) existam três

mentes ou consciências distintas. São três mentes distintas que compartilham o mesmo corpo humano.

Um exemplo similar pode ser encontrado nos relatos de possessão demoníaca, onde várias entidades espirituais habitam um único corpo humano. Nos Evangelhos, encontramos diversos casos em que pessoas estavam possuídas por múltiplos espíritos, que agiam dentro de um único corpo, já que um espírito não ocupa espaço físico (veja, por exemplo, em Mateus 12:43-45; Marcos 5:9; Lucas 8:30; Lucas 11:24-26; Mateus 8:28-34; Atos 19:15; Mateus 17:18; Marcos 9:25; Lucas 11:20-22).

Agora, imagine que você vê uma pessoa, mas percebe que sua personalidade é múltipla, com três consciências e mentes distintas, cujos pensamentos formam uma só unidade dentro de um único corpo. Embora haja vontades conflitantes como: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice; contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42), o propósito único é mantido. Agora, considere que esse corpo humano seja, na verdade, o Deus infinito, cuja forma nunca foi vista. Dentro desse infinito que é o próprio Deus, existem três personalidades distintas, mas inseparáveis do “corpo” divino.

Ainda que essa analogia seja simplista, creio que ela chega mais perto de ilustrar o mistério da Trindade. De maneira semelhante, o triângulo equilátero também compartilha uma qualidade que ajuda a visualizar a ideia de uma unidade composta por três partes distintas, mas inseparáveis.

Temos também a chamada “unidade composta” na ideia de uma nação. Por exemplo, o Brasil é uma única nação. Não existe outro Brasil na mesma estatura e igualdade a ele em tudo. Mas dentro dessa nação temos uma pluralidade de pessoas que forma essa única nação singular no mundo. O texto de Juízes capítulo 20 e versículo 8

expressa a mesma ideia quando diz que “todo o povo [de Israel] se levantou como se fosse um só homem...”.

Há também a analogia de que homem e mulher formam “uma só carne” no casamento. Existe o exemplo da família que é única, mas ao mesmo tempo é composta de pai, mãe e filhos. A ideia de trindade está presente em toda a criação de Deus. Desde o espaço que é composto de altura, largura e profundidade; ou o tempo que é composto de passado, presente e futuro. São diversos os exemplos para ilustrar a doutrina da Trindade.

Deus se Manifestou a Abraão na Forma de Três Pessoas Visíveis

Os mestres judaicos nunca puderam explicar satisfatoriamente as manifestações de Deus no Antigo Testamento. E há uma manifestação de Deus que dá suporte a doutrina da Trindade. Há um texto muito misterioso em Gênesis que fala sobre quando Javé apareceu para Abraão (preste atenção no conteúdo que grifei):

“**Apareceu o Senhor** a Abraão nos carvalhais de Manre, quando ele estava assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia.

Levantou ele os olhos, olhou, **e eis três homens de pé em frente dele.** Vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, **prostrou-se** em terra e disse: **Senhor meu,** se acho mercê em tua presença, rogo-te que não passes do teu servo...”.

- Gênesis 18:1-3

É extraordinariamente curioso que Javé aparece na forma de “três homens” e Abraão os trata no singular chamando-os de “Senhor meu”. Não tenho dúvidas de que ali estava a Trindade Divina. Essa é uma passagem reveladora cujo os detalhes muitas vezes podem passar despercebidos aos nossos olhos.

A palavra “Senhor” no capítulo 18 de Gênesis, em concordância com o dicionário grego Strong (pg 3068) denota ser celestial: Jeová ou "Hashem" "Adonai" como falam os judeus”. E Javé havia falado outras vezes com Abraão, como em Gênesis 15:1; 17:1. Mas é possível o ser humano ver a Deus? No texto de Êxodo 33:20 Deus diz para Moisés: “Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá”. Julga-se, baseado neste verso, que é impossível o ser humano ver a Deus. Mas, mesmo assim, Deus falava com Moisés “face a face” (Êxodo 33:11). Não há contradição na Bíblia, pelo contrário, existe a possibilidade do ser humano comunicar-se com Deus através da Teofania, que é um termo usado para indicar a aparição do Próprio Deus, de maneira que o ser humano possa suportar. Essa forma de manifestação é bem presente por todo o Antigo Testamento.

Mas Gênesis 18 não mostra apenas uma revelação da Trindade Divina. Fala também da intercessão de Jesus Cristo entre Deus e os homens, como Mediador. Quando os três homens (Javé) aparecem a Abraão, dois deles seguem para Sodoma e Gomorra para anunciar a destruição. Os dois homens chegam ao destino. E o outro anjo que fica com Abraão ouve a conhecida e maravilhosa oração intercessória em favor de Sodoma e Gomorra. “E disse: eis que agora me atrevi a falar ao Senhor... não se ire, se por acaso se acharem dez justos naquele cidade? Não a destruirei por amor dos dez. E retirou-se o Senhor quando acabou de falar a Abraão” (Gênesis 18:32-33).

Um dos anjos não seguiu para Sodoma, porque era o próprio Jesus: “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (1ª Timóteo 2:5). Foi o Senhor Jesus quem ouviu face a face a oração de Abraão em favor dos habitantes de Sodoma e Gomorra.

E nesse episódio da intercessão a favor dos habitantes de Sodoma e Gomorra fica clara a interpretação da passagem do Novo Testamento em que Jesus disse:

“Abraão vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o e alegrou-se” ao que responderam os Judeus: Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão? Disse-lhe Jesus: Em verdade, em verdade, vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou”.

- João 8:56-58

Portanto, é uma grande mentira afirmar que Deus não é uma Trindade e que Jesus não está presente no Antigo Testamento, pelo seguinte motivo: Jesus é a Palavra de Deus, o Verbo, impossível de ser anulado da história da criação e redenção do homem: “Eu sou o Alfa e o Ômega o principio e o fim, o primeiro e o derradeiro” (Apocalipse 22:13). O Senhor esteve presente através da Teofania falando face a face com Abraão e com tantos outros.

O Senhor Deus pôde em Teofanias falar face a face com os seus servos, e até mesmo comer com eles.

Mas há aqueles que negam que era a Trindade Divina se manifestando para Abraão através dos três anjos

Uma ferramenta poderosa para descobrir a verdade é o uso do contraditório. Sem ele, não há progresso no conhecimento nem a possibilidade de alcançar a verdade sobre qualquer assunto. Com isso em mente, decidi compartilhar abaixo uma refutação de uma argumentação que defende que os três anjos que apareceram para Abraão não seriam, na verdade, uma manifestação da Trindade de Deus. Para isso, farei uma intercalação entre a "Declaração" e a "Refutação", apresentando-as em sequência: primeiro a declaração e, em seguida, a refutação.

Declaração⁴

“Em Gênesis 18:9 a Bíblia refere-se aos três homens que perguntaram a Abraão onde estava a esposa dele usando o pronome no plural, “eles”:

“Então eles perguntaram: — Onde está Sara, a sua mulher? — Está na barraca — respondeu Abraão.” (Bíblia na Linguagem de Hoje)

Refutação

É óbvio que eram três. Assim como na Trindade jamais se nega que são três Pessoas. Esse argumento não anula a doutrina da Trindade. Mas o autor da declaração acima não percebeu que os três homens falaram de forma uníssona, algo que é característico nas manifestações do Deus Trino. Um exemplo claro disso pode ser visto quando Javé se dirige a Isaías:

“Então ouvi a voz do Senhor, conclamando: “Quem enviarei? Quem irá por nós?” E eu respondi: "Eis-me aqui. Envia-me!”

Embora se possa argumentar que o “nós” mencionado seja uma referência a Deus, aos seres celestiais e aos demais servos de Deus, os textos bíblicos mostram claramente que Deus estava se referindo a Si mesmo como “nós”.

Veja os exemplos bíblicos:

1. João 12:37-41. O apóstolo João faz uma referência direta à visão de Isaías, citando o profeta em relação à incredulidade do povo

⁴ Artigo: *Os Três Anjos Que Visitaram Abraão – Uma Trindade?* Jay Dicken. Site: <https://www.mentesboreanas.info/tres-anjos-e-abraao-trindade/> Acessado dia 13/11/2024

diante de Jesus. E termina dizendo: “Isaías disse isso porque viu a glória de Jesus e falou sobre ele” (versículo 41). Mas como Isaías viu a glória de Jesus se o texto de Isaías 6:1 diz: “No ano em que o rei Uzias morreu, eu vi o Senhor assentado num trono alto e exaltado...”. Isaías viu Javé ou Jesus?

2. Atos 28:25-27. O apóstolo Paulo, ao falar com os judeus em Roma, cita Isaías 6 para explicar a dureza do coração do povo e a rejeição da mensagem do Evangelho. Ao citar o texto de Isaías, Paulo complementa: “Bem que o Espírito Santo falou aos seus antepassados, por meio do profeta Isaías...” (versículo 25b). Mas o texto de Isaías 6:8 diz: “Então ouvi a voz do Senhor, conclamando...”. Então, quem falou com Isaías? Javé ou o Espírito Santo?

Para harmonizar tudo isso é muito simples. Quando Isaías vê “o Senhor assentado num trono alto e exaltado” (verso 1), na sequência, os seres celestiais proclamavam a tríplice Santidade de Deus ao dizer: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (verso 3). É bom que se diga que diversas passagens falam da santidade de Deus sempre usando o tríplice “Santo, santo, santo”. Esta expressão é uma das mais poderosas e reverentes usadas na Bíblia para descrever a natureza de Deus (Apocalipse 4:8). A bênção do Senhor também é declaradamente tríplice e é encontrada em Números 6:24-26, que faz parte da bênção sacerdotal que Deus instrui Moisés a dar ao povo de Israel:

“O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz”.

— Números 6:24-26

Em Isaías 6, o texto é claro ao descrever Javé como um Deus assentado em Seu trono, cuja santidade é enfatizada pela repetição tripla de “santo”. Quando Ele fala, usa a primeira pessoa do plural:

“Nós” (Isaías 6:8). Esse “nós” reflete a pluralidade de Sua natureza, algo que já se revela nas Escrituras desde a criação, quando Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gênesis 1:26). Nesse contexto, a visão de Isaías não apenas apresenta Javé, mas também antecipa a glória de Cristo e a fala plural de Deus, expressa por meio do Espírito Santo. Por mais que alguns possam querer refutar ou tentar apresentar argumentos contrários, é difícil negar a existência de uma manifestação tríplice de Deus nas Escrituras.

Declaração⁵

“Em Gênesis 18:10, porém, só UM dos homens fala e promete a Abraão que ‘ele’ retornará, dizendo “certamente voltarei a ti, daqui a um ano”:

“Disse um deles: Certamente voltarei a ti, daqui a um ano; e Sara, tua mulher, dará à luz um filho. Sara o estava escutando, à porta da tenda, atrás dele.”

Há uma distinção clara entre “eles perguntaram” em Gênesis 18:9 e “disse um deles” em Gênesis 18:10. No capítulo 18, versículo 9, só dois dos homens perguntam a Abraão onde está Sara, mas no versículo 10 só um dos homens diz “certamente voltarei a ti, daqui a um ano.” Esta distinção quer dizer que não há trindade em foco, caso contrário os pronomes não ficariam se alternando entre o singular e o plural”.

Refutação

Como “não há trindade em foco”? A “distinção” citada pelo declarante não anula a Trindade. Vimos isso no contexto de Isaías 6

⁵ Idem nº 4.

em que Javé fala, mas depois, no Novo Testamento, Paulo diz que foi o Espírito Santo quem falou (Atos 28). A questão de que os “pronomes não ficariam se alternando entre o singular e o plural” já foi desmentida na refutação anterior, quando fiz uma análise de Isaías 6. O Pai tanto fala sobre si mesmo no plural como individualmente através das Pessoas do Filho e do Espírito Santo dependendo do contexto.

Declaração⁶

“Em Gênesis 18:13, 14, citado abaixo, aparece a primeira menção de Iavé, sendo uma continuação da conversa do mesmo homem, falando à parte dos outros dois homens:

“Disse o SENHOR (Iavé) a Abraão: Por que se riu Sara, dizendo: Será verdade que darei ainda à luz, sendo velha? Acaso, para o SENHOR (Iavé) há coisa demasiadamente difícil? Daqui a um ano, neste mesmo tempo, voltarei a ti, e Sara terá um filho.”

Este é Iavé falando com Abraão, e é o anjo (palavra singular) de Iavé, a quem Abraão reconheceu devido ao fato de que antes, em capítulos anteriores de Gênesis, o anjo de Iavé havia aparecido à outra mulher de Abraão, criada de Sara, conforme relata Gênesis 16:7-11, prometendo a ela que geraria descendência. Depois este mesmo anjo de Iavé veio até Abraão para transmitir a ele mensagens, conforme Gênesis 22:11, 15:

Gênesis 22:11: “Mas do céu lhe bradou o Anjo do SENHOR [Iavé]: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui!”

⁶ Idem nº 4.

Gênesis 22:15: “Então, do céu bradou pela segunda vez o Anjo do SENHOR [Iavé] a Abraão.”

Uma prova adicional de que não está envolvida uma trindade aqui encontra-se em Gênesis 18:14, onde Iavé fala a Abraão através do anjo (singular) de Iavé, usando o pronome singular “eu”, NÃO o pronome plural “nós”. Menciona-se Iavé e usa-se apenas pronomes SINGULARES no restante do capítulo 18:

Gênesis 18:16, 17: “Tendo-se levantado dali aqueles homens, olharam para Sodoma; e Abraão ia com eles, para os encaminhar. Disse o SENHOR [Iavé]: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer?”

Abraão segue os três homens no caminho para Sodoma; todavia só dois deles vão realmente para Sodoma; o outro homem (anjo) fala como Iavé, e usa pronomes no singular em Gênesis 18:17: “Disse o SENHOR [Iavé]: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer?”

Os outros dois homens que descem até Sodoma são identificados como “anjos”, enquanto que um homem que fica conversando com Abraão é identificado como “Iavé”. Isto é uma prova concreta de que somente UM homem (anjo) está falando como Iavé e os outros dois são meramente anjos enviados para acompanhar o anjo que representa especificamente Iavé na visita a Abraão e sua esposa Sara”.

Refutação

O problema é que a declaração acima não altera a verdade de que, quando Abraão viu os três anjos ou homens, o texto de Gênesis 18:1-

3 deixa claro que “o Senhor apareceu a Abraão” e que ele “viu três homens em pé”, chamando-os de “meu senhor”. E pior, Abraão “correu ao encontro deles e curvou-se até ao chão” (Gênesis 18:2). A Bíblia chama isso de idolatria caso seja feito para anjos:

“Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo.

Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!"

Mas não há qualquer distinção por parte de Abraão, que poderia escolher chamar apenas um deles de “Senhor”, não curvando-se até o chão perante os outros anjos ou simplesmente homens. Abraão simplesmente se curva perante os três sem fazer qualquer distinção entre eles. O curvar-se até o chão podia não ser idolatria naquele tempo, como vemos no episódio em que “Bate-Seba inclinou-se e fez reverência ao rei” ou “inclinou-se com o rosto em terra e se prosternou diante do rei Salomão” (1º Reis 1:16-17, 31). Este ato de se curvar diante de Salomão é um gesto de respeito, tanto pessoal quanto político, uma vez que Salomão havia sido declarado o rei legítimo. Mas no tempo do Novo Testamento esse ato é visto como idolatria:

“Quando Pedro estava prestes a entrar, Cornélio o encontrou, caiu de joelhos diante dele e o adorou.

Mas Pedro o fez levantar-se, dizendo: 'Levante-se! Eu sou apenas um homem”.

- Atos 10:25-26

Embora Abraão talvez não tivesse adorado aqueles três anjos quando se curvou até o chão, o fato que persiste é que ele não faz distinção entre eles curvando-se apenas para um deles por ser o

próprio Javé. Tanto o texto de Gênesis como Abraão reconhecem aqueles três homens como sendo o próprio Javé.

Além disso, onde está a negação da Trindade quando um dos anjos diz: “Daqui a um ano, neste mesmo tempo, voltarei a ti, e Sara terá um filho”? Não é verdade que as Pessoas da Trindade se manifestam em ações individuais? Veja o exemplo de Jesus, que, ao falar aos discípulos, disse que iria para o Pai, mas enviaria “outro Consolador” (João 14:16-17).

Outro exemplo é o fato de Jesus andar pregando e curando durante seu ministério, mas o Pai e o Espírito Santo só se manifestam visivelmente ao Seu lado no momento do batismo. O Espírito Santo aparece em forma corpórea, “como pomba, vindo sobre Ele”, e a voz dos céus se torna audível, dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:16-17).

Assim como no caso dos três anjos que apareceram a Abraão, dos quais dois se afastaram para realizar o juízo sobre Sodoma e Gomorra, ficando apenas um com ele, na manifestação da Trindade no batismo de Jesus também ocorre uma espécie de “dispersão” logo após: Jesus fica sozinho, sem a presença visível do Espírito Santo como pomba e sem a voz do Pai. Isso demonstra que, embora as Pessoas da Trindade se manifestem de forma distinta e em momentos diferentes, elas atuam em perfeita unidade, sem que haja contradição ou divisão na essência divina.

Declaração⁷

“Quando Ló cumprimentou aqueles dois anjos, dirigiu-se a eles usando o substantivo no plural, dizendo, “meus senhores.” Uma vez que Ló os chamou usando o plural, isto prova que não há nenhuma trindade neste contexto. A palavra hebraica “senhores”

⁷ Idem nº 4.

(adonay) que Ló usou em referência àqueles visitantes angélicos é a forma plural comum do título de respeito em hebraico.

Adonay não significa divindade; é um termo hebraico geral, usado para se dirigir a um dignitário ou alguém do gênero, tal como um ‘mestre’ (senhor). Sara, por exemplo, chamou Abraão de “meu senhor” em Gênesis 18:12, usando a mesma forma da palavra hebraica, “adon”. Você supõe que o dogma trinitário identificaria Abraão como um membro duma trindade, simplesmente porque a esposa dele, Sara, o chamou de “senhor”? É claro que não, mas isso mostra o completo absurdo deste falso ensino.

Ademais, o fato de Ló ter se dirigido àqueles dois mensageiros angélicos (enviados em forma de homens) como “meus senhores” (plural) é uma prova absoluta de que não há qualquer menção a uma trindade, porque a terceira pessoa não estava presente com eles, o que, pelos padrões trinitaristas, reduz a co-igualdade e co-onipresença deles a nada”.

Refutação

Será que Ló teve a mesma percepção que o patriarca Abraão? Certamente não! O fato de Ló se referir aos anjos como “adonay” (senhores) indica que ele não reconheceu a presença de Deus da mesma forma que Abraão. O texto de Gênesis 18:1 é claro ao afirmar que aqueles três homens, sem distinção, eram uma manifestação de Javé, e Abraão os trata no singular, como se estivesse diante de uma única Pessoa divina, como já discutimos.

Possivelmente, Ló não teve a mesma percepção de Abraão devido ao tratamento dado aos três anjos. No entanto, o fato de a terceira pessoa não estar presente com os dois anjos e Ló, mas com Abraão, não diminui em nada a co-igualdade das Pessoas da Trindade. De fato, vemos com frequência Cristo realizando Sua obra de maneira

individual em vários momentos, assim como o Pai e o Espírito Santo também agem de forma distinta em diversas passagens das Escrituras.

Por exemplo, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes e Sua função como o “outro Consolador” também não implica qualquer desigualdade entre os membros da Trindade. Ao contrário, isso reflete a harmonia e a cooperação perfeita entre as três Pessoas, cada uma com um papel distinto, mas sempre em plena unidade divina. A atuação de cada uma delas de forma individual não quebra a igualdade ou a essência única da Trindade, mas revela como as Pessoas da Trindade se manifestam de maneira diferenciada, mas sem qualquer divisão de autoridade ou poder.

A palavra “Trindade” não está na Bíblia

Um argumento frequentemente utilizado é o de que a palavra “Trindade” não aparece na Bíblia. A religião das Testemunhas de Jeová é a que mais combate à doutrina da Trindade e usa esse argumento. Ela afirma que “a Bíblia não menciona a palavra “Trindade”.⁸ E, como sempre, para dar um reforço intelectual, citam alguma Enciclopédia famosa:

“A palavra Trindade não aparece no Novo Testamento, nem Jesus e seus seguidores pensaram em contradizer o ensinamento do Velho Testamento: ‘Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.’”

— Enciclopédia Barsa.⁹

⁸ Artigo: *Devemos acreditar na Trindade?* Site:

<https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/g201308/trindade/> Acessado dia 13/11/2024

⁹ Idem nº 4.

Como sempre acontece, acabam se contradizendo. Certa vez, perguntei a uma Testemunha de Jeová por que sua religião não usava a palavra "igreja" em vez de "Salão do Reino". A resposta foi que o termo "igreja" está muito desgastado. No entanto, o problema é que o termo "igreja" é bíblico, derivado do grego *ekklesia*, e aparece tanto no Antigo Testamento grego (Septuaginta) quanto no Novo Testamento. Embora não esteja na Bíblia, as Testemunhas de Jeová afirmam que “um Salão do Reino é uma casa de adoração que as Testemunhas de Jeová usam para suas reuniões religiosas. Há dezenas de milhares de Salões do Reino no mundo inteiro”.¹⁰

Seguindo o raciocínio das Testemunhas de Jeová, os mesmos críticos que negam a doutrina da Trindade pelo fato desta palavra não estar na Bíblia, não percebem que eles próprios utilizam termos que também não estão presentes nas Escrituras, como "onisciência", "onipotência", "onipresença" e "milênio". Assim como o termo "Trindade", esses conceitos teológicos são usados para expressar verdades bíblicas que, embora não sejam nomeadas diretamente nas Escrituras, estão claramente presentes nelas. O objetivo desses termos é justamente facilitar a compreensão e a explicação das doutrinas reveladas na Bíblia. Embora a palavra "Trindade" não seja encontrada literalmente nas Escrituras, a própria doutrina da Trindade é claramente ensinada ao longo de toda a Bíblia, através das relações e revelações do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Tertuliano e a Criação do Termo "Trindade" e o Conceito de "Personas"

¹⁰ Artigo: *O que é um Salão do Reino?* Site: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/wp20100501/que-e-salao-do-reino/>
Acessado dia 13/11/2024

Tertuliano (c. 155–220 d.C.) é uma das figuras mais importantes na história do pensamento cristão, especialmente no desenvolvimento da doutrina trinitária. Ele foi um escritor prolífico, teólogo e apologista cristão de Cartago, na África do Norte, e é amplamente reconhecido por sua contribuição para a formulação de conceitos teológicos que seriam fundamentais para o desenvolvimento posterior da ortodoxia cristã. Entre suas maiores contribuições está a criação do termo "Trindade" (*Trinitas*) e o refinamento da ideia de "pessoa" (*persona*) dentro da natureza divina, conceitos que seriam cruciais para os debates trinitários subsequentes.

O Contexto Histórico e Teológico

Nos primeiros séculos da Igreja, a Fé Cristã estava sendo confrontada com várias heresias e desafios filosóficos sobre a natureza de Deus, especialmente em relação à divindade de Cristo e à relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. As Escrituras claramente afirmam a divindade de Cristo e do Espírito Santo, mas havia um vácuo conceitual sobre como entender as relações dentro da Trindade. Por exemplo, como o Filho é Deus, mas é distinto do Pai? E qual é o papel do Espírito Santo na obra da salvação? Como resolver essas tensões sem cair em heresias como o arianismo, que negava a plena divindade de Cristo, ou o modalismo,¹¹ que tentava explicar a Trindade em termos de simples "modos" ou manifestações de Deus?

Foi dentro desse contexto que Tertuliano iniciou seu trabalho de explicação e defesa da doutrina trinitária.

¹¹ O modalismo é uma heresia que surgiu no seio do Cristianismo e ensina que Deus é uma única Pessoa que se revela de diferentes maneiras ou "modos", em vez de ser uma Trindade de três pessoas distintas (Pai, Filho e Espírito Santo). Segundo essa visão, Deus se manifesta ora como Pai, ora como Filho, ora como Espírito Santo, mas não simultaneamente como as três Pessoas distintas.

A Criação do Termo "Trindade"

O termo "Trindade" (*Trinitas*) é atribuído a Tertuliano, que foi o primeiro a usá-lo de forma sistemática para descrever a natureza triúnica de Deus. Embora o conceito de um Deus trino já estivesse implícito nas Escrituras e em escritos cristãos anteriores, Tertuliano foi o teólogo que formalizou a linguagem que se tornou central para a reflexão cristã sobre a Trindade. No seu tratado *Adversus Praxean* (Contra Práxeas), escrito por volta de 213 d.C., ele usou o termo "Trindade" para expressar a ideia de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são "um em essência" (uma única divindade), mas "três em pessoas" (três realidades distintas).

Tertuliano queria, com isso, afirmar que a divindade de Cristo e do Espírito Santo não era inferior ou subordinada à do Pai, como sugerido por algumas correntes de pensamento, mas que eles compartilhavam a mesma essência divina, sendo igualmente Deus. Essa afirmação, porém, precisava de um desenvolvimento cuidadoso para que se evitassem interpretações errôneas ou heréticas, como o modalismo, que reduz a Trindade a um único ser divino que se manifesta de formas diferentes em momentos distintos da história da salvação.

O Conceito de "Personas" (Pessoas)

A palavra "*persona*", que Tertuliano usou para descrever o Pai, o Filho e o Espírito Santo, vem do latim e originalmente significava "máscara" ou "papel" que um ator usava no teatro. Para Tertuliano, essa noção de *persona* era útil para expressar a distinção entre as três "realidades" ou "modos de ser" de Deus dentro de uma única essência divina. Contudo, é importante notar que a ideia de *persona* que Tertuliano desenvolveu não deve ser confundida com a noção

moderna de “pessoa” como entendemos hoje em termos psicológicos ou filosóficos. Para Tertuliano, *persona* referia-se a uma “individualidade” ou “subsistência” dentro da divindade, um modo em que a única essência divina se expressa de maneira distinta.

Por exemplo, Tertuliano dizia que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são “uma substância” (substância única ou essência divina), mas “três pessoas” (três realidades ou subsistências). Essa distinção foi uma maneira de resolver o aparente paradoxo de que Deus é ao mesmo tempo uno e trino. Ao usar o termo “pessoas”, Tertuliano procurava afirmar que, embora o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam distintos uns dos outros, eles não são separados em substância ou natureza. Eles compartilham a mesma divindade, mas são “pessoas” distintas no sentido de que têm modos diferentes de se relacionar com o mundo e com a criação.

Em outras palavras, as “pessoas” da Trindade não são modos temporais de um único Deus, como o modalismo sugeria, mas realidades distintas que coexistem eternamente dentro de uma única essência divina. Cada “pessoa” é plenamente Deus, mas, ao mesmo tempo, há uma distinção real entre elas em relação à maneira como se manifestam ou operam na história da salvação.

O Desenvolvimento Trinitário em Tertuliano

O trabalho de Tertuliano foi fundamental para dar forma à ortodoxia trinitária que se desenvolveria nos Concílios Ecumênicos posteriores, particularmente no Concílio de Nicéia (325 d.C.) e no Concílio de Constantinopla (381 d.C.). Tertuliano estabeleceu algumas das premissas que seriam essenciais para a doutrina ortodoxa, incluindo:

1. Monoteísmo e Trindade: Tertuliano sempre defendeu que, apesar das distinções entre Pai, Filho e Espírito Santo, havia apenas um

Deus em essência. Ele usou o termo "Trindade" para afirmar que há uma unidade de substância ou essência divina, sem cair no politeísmo.

2. Subordinação e Distinção: Tertuliano enfatizou a distinção real entre as pessoas da Trindade, especialmente a distinção entre o Pai e o Filho. No entanto, ele sempre assegurou que essa distinção não implicava em desigualdade de natureza ou essência. O Filho e o Espírito são eternamente gerados do Pai e, portanto, compartilham da mesma divindade.

3. Cristologia: Em relação à Pessoa de Cristo, Tertuliano foi um dos primeiros a articular claramente a ideia de que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Ele se opôs a heresias como o subordacionismo (que via Cristo como inferior ao Pai) e o docetismo (que negava a humanidade real de Cristo). Tertuliano afirmava que Cristo, sendo Deus, tomou a verdadeira natureza humana na Encarnação, sem confusão ou alteração da sua divindade.

4. Implicações para a Salvação: Para Tertuliano, a Trindade tinha uma dimensão prática crucial para a salvação humana. O Pai envia o Filho para a redenção da humanidade, e o Espírito Santo é aquele que, através da graça, torna possível a salvação e a união com Deus.

Conclusão deste Tópico

Tertuliano desempenhou um papel vital na formação do conceito trinitário dentro da teologia cristã. Ao introduzir o termo *Trinitas* e ao usar o conceito de *persona* para descrever a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ele forneceu as bases teológicas que ajudaram a Igreja a entender e a articular o mistério da Trindade de maneira clara e precisa. Embora o entendimento completo da Trindade ainda passasse por muitos desenvolvimentos nos séculos seguintes, as ideias de Tertuliano sobre a unidade e a distinção dentro da divindade

foram fundamentais para o pensamento cristão ortodoxo e influenciaram profundamente a teologia posterior.

A sua obra ainda continua sendo estudada e admirada por sua profundidade e rigor, representando um marco no esforço de compreender o mistério de Deus, a natureza de Cristo e a ação do Espírito Santo na salvação.

A doutrina da Trindade é de origem pagã

As Testemunhas de Jeová, fiéis combatentes da doutrina da Trindade, citam Arthur Weigall que, em seu livro *O Paganismo em Nosso Cristianismo* (em inglês), declara:

“Jesus Cristo nunca mencionou tal fenômeno, e em nenhuma parte do Novo Testamento encontra-se a palavra “Trindade’.” Ele diz que a idéia duma trindade coigual “só foi adotada pela Igreja [Católica Romana] trezentos anos depois da morte de nosso Senhor; e a origem do conceito é inteiramente pagã”.¹²

Em outra literatura, o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová compara a doutrina da Trindade à antiga religião babilônica:

“A tríade religiosa, ou trindade, era uma característica proeminente da adoração na Babilônia. Uma tríade babilônica era composta de Sin (um deus-lua), Shamash (um deus-sol) e Ishtar (uma deusa da fertilidade e da guerra)”.¹³

¹² Artigo: *Por que Crê na Trindade?* Site: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1960088?q=origem+pag%C3%A3&p=par> Acessado dia 13/11/2024

¹³ “Do You Appreciate Our Special Heritage?” Watchtower, 15 Feb. 2013, 9. Citado em *A Trindade é uma doutrina pagã?* de Robert M. Bowman Jr. Site:

A tendência das Testemunhas de Jeová ao comparar a doutrina da Trindade com as várias tríades de deuses das outras religiões pagãs é um excelente exemplo de sua superficialidade enganosa no uso da erudição. Historicamente falando não há absolutamente nenhuma prova de que as religiões pagãs politeístas das nações em torno de Israel tiveram qualquer influência no desenvolvimento da doutrina da Trindade. se considerarmos a chamada “trindade” babilônica de Sin, Shamash e Ishtar, veremos que esses não eram um Deus em nenhum sentido, mas eram vistos como três deuses diferentes acima dos seres humanos. Deve ser entendido que esses deuses eram apenas três deuses entre muitos no pensamento religioso babilônico.

O argumento de que a doutrina da Trindade é de origem pagã apenas porque existem tríades de deuses em várias culturas antigas é uma falácia que não leva em conta a distinção entre as influências culturais e a revelação divina nas Escrituras. A seguir, apresento uma refutação detalhada usando exemplos do conceito de criação, dilúvio e messias, além de uma análise teológica mais ampla.

Trindade vs. Tríades de Deuses Pagãos

O fato de existir uma ideia de "tríade" ou "três deuses" em várias religiões antigas, como o Egito, Índia, Grécia, e outras culturas pagãs, não implica que a doutrina cristã da Trindade seja uma cópia dessas crenças. Na verdade, enquanto as tríades pagãs geralmente envolvem múltiplos deuses com papéis distintos, a Trindade cristã é única porque fala de um único Deus em três pessoas: o Pai, o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo. Eles não são três deuses separados, mas um único Deus em três pessoas coeternas, coiguais e indivisíveis. A

doutrina cristã da Trindade reflete a unicidade de Deus, enquanto as tríades pagãs refletem uma ideia de pluralidade de divindades.

A Criação e o Dilúvio nas Escrituras e no Paganismo

Muitos elementos das narrativas bíblicas, como a criação do mundo e o dilúvio, têm paralelos em mitologias pagãs, como a história da criação em várias culturas e o dilúvio universal encontrado em mitos como o de *Gilgamesh* ou os deuses mesopotâmicos. No entanto, isso não significa que a Bíblia tenha "copiado" essas ideias. O que ocorre é que, em muitas culturas antigas, há fragmentos da Verdade que foram distorcidos ao longo do tempo. A Bíblia, por outro lado, preserva a Verdade Revelada sobre a criação e o dilúvio, refletindo um princípio universal da humanidade — a crença em um único Deus criador e o reconhecimento do dilúvio como um evento cataclísmico.

Assim como as culturas pagãs preservaram certos elementos da história da criação e do dilúvio, mas distorceram-nos com mitos politeísticos, a Bíblia reflete a revelação de um único Deus que criou o mundo e usou o dilúvio para restaurar a ordem divina, preservando os princípios essenciais dessa história.

O Conceito de Messias e o Zoroastrismo

No zoroastrismo, há a figura de um "salvador" que viria para restaurar o mundo, que alguns podem ver como um paralelo com a figura do Messias em Israel. No entanto, a doutrina do Messias nas Escrituras, especialmente no Cristianismo, é singular. Enquanto o Messias zoroastriano é visto como uma figura de restauração, o Messias cristão (Jesus Cristo) é visto como a realização de uma promessa de Redenção através de Sua vida, morte e ressurreição para o perdão dos pecados da humanidade. A ideia do Messias em Israel tem raízes profundas nas promessas feitas por Deus ao povo de

Israel, com base em Sua aliança, e a revelação progressiva das Escrituras.

Embora o conceito de um salvador apareça em outras tradições, o Messias cristão é único em sua missão, natureza e relação com a humanidade. Isso indica que, mesmo que elementos de um "salvador" possam ter sido refletidos em algumas tradições antigas, o cumprimento dessa promessa no Cristianismo é distintamente revelado e não uma simples adaptação de mitos pagãos.

A Fragmentação das Religiões e a Preservação da Verdade nas Escrituras

A Bíblia não "copiou" as mitologias pagãs, mas reflete uma verdade original que foi preservada em suas Escrituras. A dispersão das pessoas após a torre de Babel (Gênesis 11) e a fragmentação das culturas humanas explica por que tantas civilizações têm histórias semelhantes — como o dilúvio ou a criação — que, ao longo do tempo, foram modificadas e distorcidas conforme cada cultura desenvolveu suas próprias crenças e sistemas religiosos. A Bíblia, no entanto, preserva a narrativa verdadeira e revelada por Deus, enquanto os mitos pagãos frequentemente transformaram essas narrativas em histórias politeísticas e mitológicas.

Portanto, mesmo que a humanidade tenha, ao longo dos milênios, desenvolvido diversas religiões com fragmentos de uma Verdade comum, o Cristianismo revela a doutrina da Trindade como uma revelação divina exclusiva que não é derivada ou inspirada nas ideias pagãs. Ao invés disso, ela reflete a verdadeira natureza de Deus, que foi progressivamente revelada ao longo do tempo, culminando na revelação completa através de Jesus Cristo.

O Fato de que Deus é Amor Prova a Trindade

A Bíblia diz que “Deus é amor” em 1ª João 4:8 e 1ª João 4:16. Antes da criação, Deus já era amor, porque Ele existe em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A **doutrina da Trindade ensina que Deus sempre foi um relacionamento perfeito de amor entre essas três Pessoas. Ou seja, Deus não estava “sozinho” antes da criação; Ele sempre teve um relacionamento de amor em Sua própria essência.

Esse amor não surgiu com a criação, mas é eterno e perfeito dentro da própria natureza divina. O Pai ama o Filho, o Filho ama o Pai, e o Espírito Santo é o vínculo desse amor. Assim, Deus sempre foi relacional e pleno em amor, mesmo antes de criar o mundo.

A Trindade também revela esse amor para nós. Deus se mostra como Pai que envia o Filho para nos salvar e o Espírito Santo para habitar em nós. Em nossa criação, Deus nos fez à Sua imagem, para vivermos em relacionamento e amor, refletindo essa unidade trinitária.

Em resumo, o amor de Deus é eterno e foi sempre compartilhado nas três Pessoas divinas, antes mesmo da criação do mundo. A Trindade revela como esse amor se manifesta em nossas vidas.

Trindade Ontológica e Econômica

A Trindade Ontológica e a Trindade Econômica são conceitos teológicos que se referem a diferentes aspectos da realidade da Trindade.

Trindade Ontológica

A Trindade Ontológica diz respeito à essência de Deus em Si mesmo, independentemente da criação. Ela descreve a natureza interna de Deus e a relação eterna entre as três Pessoas da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). A palavra "ontológica" vem de "ontologia", que é o estudo do ser ou da essência das coisas. A Trindade Ontológica afirma que o Pai, o Filho e o Espírito Santo compartilham a mesma essência Divina e são coiguais e coeternos. Ou seja, as três Pessoas da Trindade existem eternamente e em perfeita igualdade em relação à Sua natureza Divina.

O Pai não é superior ao Filho, e o Filho não é inferior ao Espírito Santo. Todos compartilham a mesma Divindade, poder e eternidade. A relação entre as três Pessoas é uma relação de perfeita comunhão e amor mútuo.

Trindade Econômica

A Trindade Econômica, por outro lado, diz respeito à maneira como Deus se revela e age no mundo, ou seja, a “economia da salvação”. Esse conceito se refere ao papel distinto de cada Pessoa da Trindade na criação, na redenção e na santificação da humanidade. A palavra “econômica” vem de “economia”, que originalmente significava “administração” ou “ordem”, e refere-se ao modo como Deus administra a salvação da humanidade.

O Pai é frequentemente visto como o iniciador da obra da salvação, enviando o Filho para redimir o mundo.

O Filho (Jesus Cristo) é o mediador e salvador que se encarna, vive, morre e ressuscita para garantir a redenção da humanidade.

O Espírito Santo é o aplicador da salvação, agindo no coração dos crentes, renovando-os e guiando-os para viverem de acordo com a vontade de Deus.

Enquanto a Trindade Ontológica se refere à relação interna entre as três Pessoas na eternidade, a Trindade Econômica lida com a maneira como as três Pessoas se revelam e operam no mundo para a realização do Plano de salvação.

A diferença principal:

- Trindade Ontológica: A Trindade em Si mesma, na Sua natureza eterna e imutável.
- Trindade Econômica: A Trindade na história, em Sua ação para a criação, salvação e santificação.

Esses dois conceitos são fundamentais para compreender como a doutrina cristã entende a relação entre as três Pessoas da Trindade e a obra de Deus no mundo.

O entendimento sobre a Trindade Ontológica e a Trindade Econômica é essencial para resolver muitos mal-entendidos que surgem, especialmente em relação à ideia de superioridade ou inferioridade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Muitas vezes, algumas pessoas têm dificuldade em conciliar a ideia de que as três pessoas da Trindade são iguais em essência e, ao mesmo tempo, têm papéis diferentes na obra de salvação. Vou tentar esclarecer essas questões com mais detalhes no decorrer deste e-book.

Capítulo 1

Há somente “um Deus”

“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”.

Deuteronômio 6:4

O monoteísmo é uma das doutrinas centrais da fé Judaica e Cristã, e está profundamente enraizado nas Escrituras, especialmente no Antigo Testamento. No texto de Deuteronômio 6:4 acima, encontramos uma das declarações mais importantes e afirmativas sobre a unidade de Deus. Esse versículo, conhecido como o *Shema* (“*ouve*” em hebraico), é repetido nas orações diárias dos judeus e é visto como um pilar fundamental da fé israelita, declarando que existe apenas um Deus, e que Ele é indivisível.

A Controvérsia sobre as Palavras “Echad” e “Yachid”

No contexto de Deuteronômio 6:4, a palavra hebraica usada para “único” é *echad*. A palavra *echad* é um número cardinal que significa “um”, mas, ao contrário de outras palavras hebraicas como *yachid* (que significa “único” no sentido absoluto, sem possibilidade de divisão ou variação), *echad* pode ser usada para indicar uma “unidade composta”. Ou seja, *echad* pode se referir a uma unidade formada por várias partes, como quando se fala de “um corpo”, “uma nação”, ou “uma

família", que são compostos por muitas pessoas ou elementos, mas continuam a ser considerados uma unidade.

Se o escritor de Deuteronômio 6:4 tivesse usado a palavra *yachid* em vez de *echad*, isso reforçaria a ideia de uma unidade sem qualquer possibilidade de pluralidade ou multiplicidade. *Yachid*, por ser um termo que denota algo único e sem pares, poderia ser interpretado como uma forma de reforçar que Deus é "único de forma absoluta", sem qualquer distinção ou pluralidade dentro de Sua essência.

No entanto, a escolha da palavra *echad* em Deuteronômio 6:4 sugere uma unidade mais dinâmica e inclusiva. Em vez de uma unidade absoluta e simples (como implicaria *yachid*), *echad* permite uma unidade composta, o que pode ser interpretado como compatível com a doutrina cristã da Trindade, que ensina que Deus é um único Ser em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. A palavra *echad* não exclui a possibilidade de complexidade dentro da unidade de Deus, o que abre espaço para a compreensão de um Deus triúno, como ensinado pelo Cristianismo.

Portanto, no monoteísmo da Bíblia, Deus é um único Ser — ímpar, indivisível, sem igual. No entanto, os trinitários não consideram as três Pessoas da Trindade como “divisões” de Deus, nem afirmam que o Filho e o Espírito Santo sejam seres separados ou independentes de Deus, mas sim plenamente iguais a Ele, compartilhando da mesma essência divina. Se a palavra "pessoa" for definida no sentido de um ser pessoal e consciente, os trinitários concordarão que, nesse sentido, "Deus é um só Ser" — a única e verdadeira divindade.

A ideia de que Deus é uma única essência em três Pessoas não implica que a Trindade seja uma divisão de Deus, mas sim uma expressão da profundidade e complexidade de Sua natureza.

Ainda sobre a definição de “Pessoa”, a definição no contexto da Trindade é crucial para o entendimento correto. Quando os

trinitários falam que Deus é uma só essência em três Pessoas, eles não estão afirmando que Deus seja uma única Pessoa no sentido humano (um ser individual e independente). Eles falam em termos de relacionamento pessoal, onde as três Pessoas são distintas, mas todas são plenamente Deus. Portanto, a definição de "pessoa" precisa ser tomada no contexto da doutrina da Trindade, que descreve três pessoas distintas na mesma essência divina. Já vimos nos tópicos anteriores sobre essa questão da “pessoa” na interpretação do teólogo Tertuliano.

Um dos críticos do uso da palavra hebraica *echad* como unidade composta para Deus, escreveu:

“Para o Echad ser entendido como unidade composta é bem simples, imagine que você queira fazer um suco, você precisa da uva e também da água, então você mistura, e quando você mistura para que as duas coisas se tornem uma, assim temos uma ideia de composição, ou seja, unidade composta é quando o termo Echad está sugerindo duas coisas ou duas pessoas juntos sendo unidos formando um, dessa forma teríamos o entendimento de unidade composta”.¹⁴

Ele continua:

“No texto em questão, a palavra hebraica Echad significa simplesmente “UM”. Vemos em Deuteronômio 6:4 um contraste entre a adoração verdadeira do antigo Israel e a quantidade de deuses que fazia parte do politeísmo pagão das nações circunvizinhas. Claro que seria mesmo contrário ao bom senso informar que a pluralidade divina das nações pagãs era além de errada e um pecado, e em seguida ensinar que aquele que inspirou isso é também um Deus pluralizado”.¹⁵

¹⁴ Ebook: TRINITAS - CONHEÇA AS VERDADES QUE OS TEÓLOGOS NÃO QUEREM QUE VOCÊ SAIBA, pg. 242. Marcos Dias. 2ª Edição. Editora: RARUS. Vargem Grande – MA 2024

¹⁵ Idem nº 14, pg. 245.

Contradizendo o comentário acima, a *Bíblia de Estudo LTT: Bíblia Literal do Texto Tradicional* (com Notas), diz que a palavra:

“Único”{259 Echad} vem de uma raiz hebraica que significa “unir, unificar, ajuntar”, dá margem a haver uma pluralidade dentro de uma unidade, pode significar uma unidade composta, unidade resultante de união, unificação. Exemplos desses usos de "Echad": é usada em Gn 2:24 para indicar que o homem e sua esposa formam literalmente uma unidade indivisível, embora havendo duas pessoas dentro desta unicidade; é usada em Gn 11:6 para significar um povo único e indivisível, embora havendo indivíduos dentro dessa unicidade; etc. Exemplos notáveis de plurais aplicados ao Deus único, no VT: Gn 1:26 ("nossa"); Gn 3:22 ("nós"); Gn 11:7 ("nós" implícito); Ec 12:1 ("Criadores"); Is 54:5 ("Criadores")".¹⁶

Mas o crítico da doutrina da Trindade citado acima argumenta:

“Por boca de duas testemunhas, ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer; por boca de uma só testemunha não morrerá”. Deuteronômio 17:6.

Pela boca de uma só testemunha ninguém deveria ser condenado. “Uma só”, a palavra usada é $\aleph \aleph, \aleph$ Echad). Sem dúvidas essa única testemunha não é uma composição de várias pessoas ou testemunhas em uma só; pelo contrário, a ideia do contraste numérico é evidente se lermos o texto com cuidado e sem ideias preconcebidas”.¹⁷

Embora *echad* esteja referindo-se a uma testemunha no sentido absoluto é curioso que esteja num contexto em que se aceita “um”

¹⁶ Comentário de Deuteronômio 6:4. *Bíblia de Estudo LTT: Bíblia Literal do Texto Tradicional* (com Notas), 2ª Edição, 2018 por Hélio de Menezes Silva, membro da Igreja Batista Bíblica Fundamentalista (independente) de Soledade. Citado em <https://search.nepebrasil.org/interlinear/?chapter=6&livro=5&verse=4#:~:text=Exemplos%20desses%20usos%20de%20%22Echad,indiv%C3%ADduos%20dentro%20dessa%20unicidade%3B%20etc.> Acessado dia 13/11/2024.

¹⁷ Idem nº 14, pg. 244.

corpo de três testemunhas para poder realizar qualquer julgamento. Opinião minha. Mas como toda a criação está repleta pelo conceito de Trindade, não é de se admirar que para realizar um julgamento perfeito precisa-se de duas ou três testemunhas. Mas também é inegável que a palavra escolhida para referi-se a Deus como “único” é *echad*, não *yachid*. E caso fosse *yachid*, com toda a certeza os críticos da Trindade iriam usar essa palavra como argumento para defesa da “unidade absoluta” de Deus.

A Unidade de Deus nas Escrituras

Além de Deuteronômio 6:4, outras passagens do Antigo Testamento e Novo Testamento reforçam a verdade de que Deus é único e indivisível, mas sem fechar a porta para uma compreensão mais profunda de Sua natureza:

1º Reis 8:60 diz “Jeová é o verdadeiro Deus e não há outro”.

Salmo 89:6: “Pois quem nos céus se pode comparar ao Senhor? Quem é semelhante a Ti entre os seres celestiais?”

Isaías 45:5-6: “Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus”.

Isaías 46:9: “Lembraí-vos das coisas passadas da antiguidade, que eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há nenhum semelhante a mim”.

1ª Timóteo 2:5: “Pois há um só Deus...”.

Marcos 12:29: “Respondeu Jesus: “O maior mandamento é este: Ouça, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é um”.

1ª Coríntios 8:4-6: “Assim, quanto a comer alimentos sacrificados a ídolos, sabemos que um ídolo não significa nada no mundo e que não há outro Deus, senão um só. Pois, embora haja muitos chamados deuses, seja no céu ou na terra, como, de fato, há muitos 'deuses' e 'senhores', para nós, no entanto, há um só Deus, o Pai, de quem vem tudo, e para quem vivemos...”.

As frases “não há outro”, quem nos céus se pode comparar ao Senhor”, “fora de mim não há Deus” e “não há nenhum semelhante a mim”, são usadas para negar a doutrina da Trindade. Mas isto acontece porque as pessoas estão pensando nas Pessoas da Trindade como se estivessem vendo três corpos humanos. O fato do Pai, Filho e Espírito Santo serem co-iguais é semelhante ao triângulo equilátero que já vimos em outros tópicos. Cada ponta do triângulo é distinta e co-igual a outra e todas elas fazem parte do mesmo triângulo. Não há, portanto, três infinitos e seria impossível havê-los. A infinitude se aplica somente a Deus. Todos os demais seres, inanimados ou não, deuses da mitologia, demônios, anjos, serafins e querubins são infinitamente inferiores a Deus e nenhum pode se comparar a ele.

A Unidade Composta de Deus no Novo Testamento

Segundo o teólogo e professor Isaías Lobão Pereira Júnior, “o Velho Testamento não contém a plena revelação da existência trinitária de Deus, mas contém várias indicações dela. Esta revelação vai tendo maior clareza, na medida em que a obra redentora de Deus é revelada mais claramente, como na encarnação do Filho, e no derramamento do Espírito”.¹⁸

¹⁸ Artigo: *A Doutrina da Trindade*. Prof. Isaías Lobão Pereira Júnior. Site: https://www.monergismo.com/textos/trindade/trindade_isaias.htm Acessado dia 13/11/2024

O Novo Testamento é bem mais direto ao abordar o tema da Trindade. Em Mateus 28:19, quando Jesus ordena fazer “discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, Ele está claramente afirmando a doutrina da Trindade. Vale ressaltar que a palavra “nome” está no singular. O Senhor não manda batizar “nos nomes”, mas “em nome”, o que aponta para a unidade de Deus nas três Pessoas Divinas. Assim, o “nome” de Deus é simultaneamente “Pai, Filho e Espírito Santo”.

Essa intercalada entre singular e plural já é observada desde o primeiro versículo da Bíblia. Em Gênesis 1:1, encontramos a palavra *Elohim*, que é a forma plural de *Eloah*, significando “Deus”. O versículo diz que “no princípio, Deus criou os céus e a terra”. Aqui, o verbo “criou” (do hebraico *bara*), embora usado com *Elohim* no plural, está no singular. Esse uso é significativo e tem implicações profundas tanto para a unidade de Deus quanto para a Trindade.

O fato de *Elohim* estar no plural, mas o verbo “criou” estar no singular, indica uma tensão interessante: pluralidade na palavra, mas unidade na ação. Em hebraico, essa construção gramatical, onde um substantivo plural é acompanhado de um verbo no singular, é uma maneira de expressar grandeza, majestade ou singularidade de ação. Não significa que há muitos deuses, mas sim que, apesar da pluralidade do termo, a ação de criação é realizada por um único Deus.

Para os cristãos, a forma plural de *Elohim* em Gênesis 1:1 tem uma implicação ainda mais profunda, especialmente à luz da revelação do Novo Testamento. Embora o conceito de Trindade não seja explicitamente revelado em Gênesis, muitos teólogos veem no uso de *Elohim* uma pista antecipada da pluralidade dentro da unidade de Deus. E esses teólogos estão corretíssimos, pois a ação criadora de Deus aparece de maneira tríplice já desde o início. No princípio Deus criou usando Sua Palavra ao dizer “haja luz”. E sabemos através do

Novo Testamento que essa Palavra criadora é o próprio Senhor Jesus Cristo:

“No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus.

Ela estava com Deus no princípio.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito”.

- João 1:1-3

Isso conecta o conceito de *Elohim* no Antigo Testamento com a revelação de Deus na Pessoa de Cristo no Novo Testamento. A unidade de Deus na criação é preservada, mas a pluralidade implícita em ****Elohim**** aponta para a realidade trinitária de Deus.

“Eu e o Pai somos um”

A frase “Eu e o Pai somos um” aparece em João 10:30, onde Jesus se refere à unidade entre Ele e o Pai. Para entender essa afirmação de forma mais profunda, é importante analisar o grego original usado no texto, já que o Novo Testamento foi escrito em grego koiné, e o significado pode ser mais esclarecido com base na língua original.

Em grego, a frase é:

"ἐγὼ καὶ ὁ πατήρ ἓν ἐσμεν"

Transliterado: “*Egô kai ho patêr hen esmen*”.

1. "ἐγὼ" (Egô) – "Eu"

O pronome pessoal ἐγὼ significa "eu", referindo-se a Jesus. Esse pronome é enfático, indicando que Jesus está pessoalmente fazendo uma afirmação sobre sua identidade e sua relação com o Pai.

2. "καί" (kai) – "e"

A palavra καί é uma conjunção simples, que significa "e", ligando os dois sujeitos da oração: Jesus e o Pai. Não há qualquer implicação de separação ou diversidade; ela apenas conecta as duas partes da frase.

3. "ὁ πατήρ" (ho patēr) – "o Pai"

ὁ πατήρ** significa "o Pai", com o artigo definido ὁ indicando que é o Pai divino, Deus Pai. Jesus não está apenas dizendo que Ele e qualquer "pai" são um, mas especificamente Deus Pai, que é uma Pessoa distinta dentro da Trindade.

4. "ἓν" (hen) – "um"

Aqui está o ponto central da frase. A palavra ἓν é o **neutro singular do adjetivo εἷς (heís), que significa "um", mas no caso neutro é usado para indicar unidade essencial ou substancial. O neutro é significativo porque sugere que a unidade entre o Pai e o Filho não é apenas uma unidade de vontade ou propósito, mas uma unidade de essência, indicando que ambos são, em sua essência, um.

5. "ἐσμεν" (esmen) – "somos"*

O verbo ἐσμεν é a primeira pessoa do plural do verbo εἶμι (eimi), que significa "ser" ou "existir". Portanto, ἐσμεν significa "somos", ou seja, Jesus está dizendo que Ele e o Pai têm uma unidade substancial, ontológica (relativa à essência do ser). O verbo no plural implica que, embora sejam duas pessoas distintas, elas compartilham uma única essência.

O que significa "somos um"?

A estrutura do grego, ἓν ἐσμεν, indica que, embora Jesus e o Pai sejam duas pessoas distintas, eles compartilham uma única essência

divina. Isso não significa que Jesus e o Pai sejam a mesma pessoa (o que seria um erro de interpretação chamado de modalismo), mas que há uma unidade essencial entre eles.

A frase "somos um" não está falando apenas de uma unidade de propósito ou vontade, mas de uma unidade de natureza e essência. Isso significa que tanto o Pai quanto o Filho têm a mesma divindade e santidade. Eles são igualmente Deus, partilhando a mesma essência divina, mas permanecendo pessoas distintas.

A Unidade do Filho com o Pai não pertence aos discípulos

A Unidade entre o Filho e o Pai: uma Unidade Única e Substancial, está descrevendo uma unidade única e essencial que é exclusiva da relação entre as pessoas da Trindade. Essa unidade é o que distingue a relação do Filho com o Pai de todas as outras formas de unidade.

Essa afirmação de unidade substancial pertence exclusivamente ao Filho de Deus, Jesus Cristo, no sentido de que Ele, enquanto Filho, é igualmente Deus com o Pai. Ambos são um só Deus, e essa união transcende qualquer tipo de unidade que possamos experimentar. Não é apenas uma harmonia de intenções ou uma unidade moral, mas uma união ontológica — uma união da essência divina que é compartilhada de forma única entre o Pai e o Filho.

Em termos teológicos, a unidade entre o Pai e o Filho é intrínseca à natureza divina. O Filho não foi criado ou derivado do Pai, mas, como ensina a doutrina da Trindade, Ele é gerado eternamente pelo Pai, e em essência ambos são igualmente divinos.

Em João 17:20-23 o Senhor Jesus fala da unidade dos Discípulos. Durante Sua oração sacerdotal, Jesus ora pelos Seus discípulos e por todos os que creriam Nele, pedindo que eles fossem um com Ele e

com o Pai, mas essa unidade é diferente da unidade que Ele tem com o Pai:

“Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste, para que sejam um, assim como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam levados à unidade perfeita, para que o mundo saiba que tu me enviaste e os amaste como igualmente me amaste”.

Aqui, a unidade entre Jesus e os discípulos é expressa em termos de relacionamento, comunhão espiritual e glória compartilhada, mas não é uma unidade de essência divina. Jesus não está dizendo que os discípulos se tornam divinos como Ele e o Pai, mas que eles são unidos ao Pai e ao Filho de forma relacional e espiritual. A unidade de comunhão com Deus é possível por meio de Jesus Cristo, que os introduz nessa relação com o Pai.

Capítulo 2

Jesus Cristo é o Verdadeiro Deus e a Vida Eterna

“Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”.

- 1ª João 5:20

Uma das doutrinas mais contestadas ao longo da história da Igreja é a da Divindade de Jesus Cristo. A Bíblia ensina de maneira clara e inquestionável que Jesus Cristo é Deus. Sim, o Senhor Jesus é o Deus Todo-Poderoso, Criador dos céus e da terra, o Verbo, a segunda Pessoa da Trindade.

A lenda conta que, durante o Concílio de Nicéia, no ano 325 d.C., São Nicolau deu um soco no rosto do bispo Ário. Sim, o famoso Papai Noel partiu para a briga! Ele não suportou ouvir tantas blasfêmias de Ário, que negava a divindade de Jesus Cristo, reduzindo-o a uma simples criação de Deus Pai. Embora a atitude de São Nicolau não seja a mais correta, ele estava defendendo uma causa extremamente importante. Afinal, devemos lembrar que o Natal celebra a Encarnação de Cristo. A crença de que Jesus Cristo, enquanto homem, é totalmente Deus, e o único Rei e Sacerdote Absoluto sobre todos os homens e todas as instituições humanas, foi

fundamental para o surgimento da liberdade na civilização ocidental. Foi essa crença que desafiou o poder do Estado pagão e todo o humanismo que o sustentava. Ela trouxe um fim ao domínio tirânico do Estado. Como disse o teólogo e Dr. Joel McDurmon: “Nenhum indivíduo e nenhuma instituição — seja o Estado, a escola ou a igreja — pode reivindicar autoridade suprema sobre a terra”.

Voltando ao trecho da carta de João citado acima, observamos que os nomes “Jesus” e “Cristo” aparecem ao final da frase. Imediatamente depois, João usa o pronome demonstrativo "este", o que aponta para o fato de que o verdadeiro Deus e a vida eterna são encontrados no Filho de Deus, Jesus Cristo.

Conscientes dessa verdade, os tradutores da Bíblia das Testemunhas de Jeová, ao interpretarem 1ª João 5:20, fizeram a seguinte tradução:

“E sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento para podermos obter conhecimento daquele que é verdadeiro. E nós estamos em união com aquele que é verdadeiro, por meio do seu Filho, Jesus Cristo. **Esse** é o verdadeiro Deus e a vida eterna”.

- O grifo é meu.

Observe que, na traduções acima, a palavra "este" foi substituída por "esse", que é um pronome demonstrativo de distância. Essa mudança altera completamente o sentido da frase, fazendo com que o Pai seja apresentado como o verdadeiro Deus e a vida eterna. Vale ressaltar que isso não significa que o Pai não seja o verdadeiro Deus — afinal, o próprio Jesus o reconhece, como está registrado em João 17:3 (ver também João 20:17):

“E a vida eterna é isto: conhecer a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste ao mundo”.

Alguns críticos da doutrina da Trindade podem argumentar que, ao afirmar que o Pai é “o único Deus verdadeiro”, Jesus estaria se excluindo de ser Deus. No entanto, essa interpretação revela um desconhecimento da própria doutrina da Trindade. Na Trindade, há um reconhecimento mútuo entre as Pessoas divinas. Assim como Jesus reconhece o Pai como “único Deus verdadeiro”, o Pai também reconhece a divindade do Filho, como é afirmado em Hebreus 1:7-8:

“Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo; **mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino**”.

- O grifo é meu.

Mais uma vez, na tentativa de encobrir a Divindade de Cristo, a religião das Testemunhas de Jeová traduz o texto acima de outra maneira:

“Mas, com referência ao Filho: “**Deus é o teu trono para todo o sempre**, e [o] cetro do teu reino é o cetro da retidão”.

- o grifo é meu.

Mas como sempre a verdade prevalece, os tradutores das Testemunhas de Jeová deram um tiro no próprio pé, pois se Deus é o trono de Jesus, logo a Divindade e igualdade com o Pai está estabelecida. O raciocínio é simples: quem se assenta sobre um trono é maior e mais importante do que o próprio trono. Então se Deus é o trono onde Jesus se assenta, isto significa que: ou Jesus é maior do que o Pai ou Ele está no mesmo plano de igualdade com Ele. Esse versículo de Hebreus é uma clara prova de que na Trindade há um mútuo reconhecimento.

E sobre o reconhecimento da parte do Pai e do Filho acerca do Espírito Santo como sendo Deus e parte da Trindade, os teólogos estúpidos da falsa teologia argumentam que, se a doutrina da

Trindade fosse verdadeira, o Espírito Santo deveria ser mencionado junto com o Pai e o Filho em João 17:3. Estúpidos! O Espírito Santo é o próprio Espírito de Deus, que conhece as profundezas de Seu Ser. Seguindo vossa lógica, toda vez que mencionássemos "Deus" e não incluíssemos uma referência direta ao Seu Espírito, estaríamos negando que Deus tem um Espírito.

E devemos lembrar que ao dizer que o Pai é o único Deus verdadeiro, o Senhor Jesus estava se colocando num mesmo plano de igualdade com Ele. Isto é evidente quando Jesus começa dizendo: “E a vida eterna é isto”. Sendo assim, não é possível ter vida eterna apenas conhecendo o Pai como único Deus verdadeiro. É necessário também conhecer “a Jesus Cristo, a quem enviaste ao mundo”. Como eu já disse, o Espírito Santo já está citado indiretamente nesse versículo de João 17:3.

E como em João 17:3 Jesus fala acerca do Pai como Deus verdadeiro, em outra ocasião Ele também disse:

“Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”.

- João 14:6

Esta é uma afirmação profunda e ousada que um ser humano poderia fazer. O leitor tem noção do que é alguém ser a própria VERDADE? Ele não disse que é apenas mais uma verdade, mas disse é a própria Verdade. Ele quis dizer que é a personificação da Verdade e não há verdade fora d'Ele.

Na filosofia, a Verdade é frequentemente vista como algo a ser descoberto ou entendido racionalmente, enquanto na ciência é uma correspondência com a realidade observável. No entanto, quando Jesus diz ser a própria Verdade, Ele vai além de uma proposição teórica: Ele se apresenta como a personificação da Verdade, algo não apenas a ser conhecido, mas vivido. Para os cristãos, essa declaração

significa que a Verdade última é uma Pessoa com quem se pode ter um relacionamento, não um conceito abstrato. É uma verdade viva, acessível e transformadora, que redefine a vida humana.

E o mesmo Jesus que disse ser a própria Verdade, além de reconhecer o Pai como parte dessa mesma essência, também falou do Espírito Santo como sendo a própria Verdade:

“O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”.

- João 14:17

“Quando, porém, vier o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir”.

- João 16:13

Assim entendemos que a Verdade Absoluta é o Deus único e verdadeiro que é Pai, Filho e Espírito Santo.

“e o Verbo era Deus”

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.

- João 1:1

Na Tradução do Novo Mundo das Testemunhas de Jeová, o texto acima foi traduzido erroneamente para dar a entender que o Verbo ou Palavra era um deus (com “d” minúsculo):

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era um deus”.

A tradução "a Palavra era um deus" (em vez de "a Palavra era Deus") em João 1:1 pelas Testemunhas de Jeová se baseia, em grande parte, na interpretação da ausência do artigo definido ("ó") antes de "θεός" (Deus). No entanto, é importante entender a razão por trás dessa escolha e analisar a questão de forma mais profunda.

A interpretação da ausência do artigo ("ho"):

No grego de João 1:1, o versículo diz:

"καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος"
("E o Verbo era Deus").

Aqui, "θεός" (theos) está sem o artigo definido, o que significa que ele não está sendo usado como um nome específico ou título para a pessoa de Deus Pai, mas sim para indicar a natureza ou qualidade do Verbo (λόγος). A ausência do artigo muitas vezes sugere uma ênfase na qualidade ou característica da coisa ou pessoa, ao invés de uma identidade específica. Se o artigo estivesse presente antes da palavra Theós (Deus), teríamos uma anulação da distinção entre as Pessoas do Pai, Filho Espírito Santo.

A razão para traduzir como "um deus":

As Testemunhas de Jeová adotam uma tradução que diz que "a Palavra era um deus" (com o artigo indefinido "um") porque elas interpretam que a ausência do artigo "ó" antes de "θεός" sugere que o Verbo (Jesus) é uma "divindade" menor ou uma figura divina, mas não o Deus absoluto, o Pai. Segundo essa interpretação, elas acreditam que João está dizendo que Jesus é divino ou de natureza

divina, mas não da mesma substância ou da mesma essência de Deus Pai.

Se o evangelista João tivesse a intenção de sugerir que Jesus é “um deus” no sentido de uma divindade inferior ou uma “divindade secundária”, ele poderia ter usado a palavra "θεῖος" (theios) em vez de "θεὸς" (theos). E, de fato, isso é uma escolha importante na análise gramatical e teológica do versículo.

A palavra "θεὸς" (theos): Significa "Deus", e é normalmente usada para se referir ao Deus único, supremo, ou a qualquer ser divino com a natureza absoluta de Deus, especialmente em um contexto monoteísta como o de João. Não tem uma conotação de inferioridade ou subordinação quando é usado para indicar a natureza de Deus.

A palavra "θεῖος" (theios): Significa "divino", "de natureza divina", ou "semelhante a Deus". Essa palavra é usada para descrever algo que tem uma qualidade divina ou que é de natureza divina, mas não é necessariamente Deus em termos absolutos ou supremos. É uma palavra que pode se referir a seres ou coisas que têm uma natureza divina, mas não com o mesmo status de Deus.

Se João tivesse a intenção de indicar que o Verbo (Jesus) era apenas "divino", mas não o Deus absoluto (o Pai), ele teria, provavelmente, usado a palavra "θεῖος" em vez de "θεὸς". No entanto, ele usa "θεὸς" (sem o artigo), o que implica que o Verbo (Jesus) é de natureza divina, mas sem diminuir sua identidade como Deus, embora claramente não seja o Pai. A ausência do artigo em grego não significa "um deus" no sentido de "um ser divino inferior", mas sim uma afirmação de natureza divina.

Essa é uma característica específica do grego, onde a ausência do artigo antes de um substantivo pode indicar um atributo ou qualidade

da pessoa ou coisa descrita. Portanto, a ausência do artigo em "θεός" não sugere que Jesus seja "um deus" inferior ou um deus menor distinto, mas que Ele compartilha da mesma essência divina que Deus, sem confundir as pessoas da Trindade.

Em outras palavras, ao traduzir como "um deus", as Testemunhas de Jeová estão tentando afirmar que Jesus (o Verbo) tem uma natureza divina, mas que ele é inferior ao Deus Pai, algo mais próximo de uma "divindade secundária". Essa visão é uma forma de subordinação, onde Jesus seria considerado divino, mas não igual a Deus.

O uso do artigo no grego e a gramática:

Embora seja verdade que em grego, a ausência do artigo "ὁ" antes de "θεός" pode sugerir uma ênfase qualitativa, ou seja, que o Verbo compartilha da essência divina, isso não necessariamente implica que devemos traduzi-lo como "um deus". Em muitos casos no Novo Testamento, quando "θεός" aparece sem o artigo, ainda assim é traduzido como "Deus" em sentido absoluto, quando o contexto indica a divindade suprema, como em João 1:1.

A gramática grega não permite concluir que a ausência do artigo implica uma tradução como "um deus", como se o versículo estivesse fazendo uma distinção entre "o Deus" e "um deus". Essa é uma interpretação específica adotada pelas Testemunhas de Jeová, mas que muitos estudiosos do grego consideram uma leitura forçada. A ausência do artigo não é suficiente para justificar a tradução "um deus" sem violar o contexto teológico e gramatical.

A doutrina da Trindade e o entendimento cristão tradicional

A tradução "a Palavra era Deus" está em harmonia com a doutrina cristã da Trindade, que ensina que o Verbo (Jesus Cristo) é plenamente Deus, compartilhando a mesma natureza divina do Pai. O versículo de João 1:1, então, não está sugerindo uma divindade separada ou inferior, mas uma unidade essencial entre o Verbo e Deus, apesar de sua distinção de pessoas dentro da Trindade.

Portanto, a escolha das Testemunhas de Jeová de traduzir como "um deus" em João 1:1 é uma interpretação que reflete sua visão teológica de que Jesus não é plenamente Deus da mesma forma que o Pai, mas sim uma criatura divina, o que está em desacordo com a visão tradicional cristã de que Jesus é igualmente Deus e parte da Trindade. Tratar Jesus como "um deus" cria um panteão de deuses, tendo Deus Pai maior e Jesus, um deus menor. Então se perguntarmos para uma testemunha de Jeová se Jesus é um deus verdadeiro, caso a resposta seja positiva, teremos um Deus verdadeiro maior e um deus verdadeiro menor. Por isso, vejo que irresponsavelmente as Testemunhas de Jeová acusam os cristãos de serem politeístas, sendo que elas mesmas assim o são.

A tradução "um deus" adotada pelas Testemunhas de Jeová não segue a interpretação mais comum do texto grego e é amplamente contestada por estudiosos, que entendem que a tradução correta é "a Palavra era Deus". A tradução "um deus" está profundamente ligada a uma visão teológica particular que busca colocar Jesus como que inferior ao Pai, o que está em desacordo com a doutrina tradicional da Trindade. essa doutrina das Testemunhas de Jeová é conhecida como Arianismo.

O Arianismo é uma heresia cristológica que se originou no século IV, liderada por Ário, um presbítero de Alexandria, que negava a

plena divindade de Jesus Cristo e afirmava que o Filho (Jesus) foi criado por Deus Pai e, portanto, não era coeterno nem consubstancial com o Pai. Em outras palavras, o Arianismo ensina que Jesus é uma criação de Deus e que Ele não é igual a Deus Pai em essência.

Como desconfio de tudo que as Testemunhas de Jeová ensinam, procurei sua Tradução do Novo Mundo em língua grega moderna, para ver se eles falsificaram o texto colocando que a Palavra era “um deus”. O texto de João 1:1 em grego moderno está assim:

“Στην αρχή ήταν ο Λόγος, και ο Λόγος ήταν μαζί με τον Θεό, και ο Λόγος ήταν θεός”.

Uma tradução literal usando o tradutor Google:

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era deus”.

Os tradutores das Testemunhas de Jeová só tiveram o cuidado de colocar “θεός” (Deus) em letra minúscula, mas em relação ao Pai aparece com letra maiúscula Θεό para ficar claro a diferença entre as divindades. Curiosamente, não colocaram “um deus”. Mas essa tradução tem explicações adicionais como recurso do próprio site das Testemunhas de Jeová. A explicação escrita em grego é Ἡ αλλιώς «ήταν θεϊκός» que literalmente significa “Ou então “ele era divino”. Mas já vimos que se fosse essa a intenção de João, ele teria usado a palavra grega “θεῖος” (theios).

Qual a justificativa das Testemunhas de Jeová
ao chamar Jesus de “um deus”?

O site das Testemunhas de Jeová explica que:

“Destarte, Jeová é O Deus; **Jesus Cristo é um dos muitos que são chamados de deuses**. Satanás é chamado “o deus dêste sistema de coisas”, diz-se que Moisés era como deus para Faraó, e, nos salmos, os homens são chamados de deuses, e Jesus se referiu a isto e argüiu que por esta razão os judeus não deveriam dizer que êle blasfemava quando afirmara que êle era o Filho de Deus. E o apóstolo Paulo disse que havia muitos chamados de deuses. Mas, seria absurdo argumentar que todos êstes muitos personagens chamados de deuses são, em virtude disso, O Deus Jeová. Semelhantemente, é absurdo tentar argumentar que referir-se Tomé a Jesus como deus prova que Jesus é O Deus, pôsto que, apenas três versículos depois, Jesus é identificado como sendo o Filho de Deus. — 2 Cor. 4:4; Êxo. 7:1; Sal. 82:6; João 10:35; 1 Cor. 8:5”.¹⁹
- o grifo é meu.

Eis o panteão de deuses das Testemunhas de Jeová!

O que a Bíblia diz sobre esse ensino falso?

Em primeiro lugar, Jesus é Deus, não um "deus" qualquer. A principal defesa contra a afirmação das Testemunhas de Jeová de que "Jesus Cristo é um dos muitos chamados de deuses" é que a Bíblia ensina claramente que Jesus é Deus de forma única e absoluta. Alguns pontos-chave que podem ser usados:

João 1:1 – "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."

Este versículo afirma explicitamente que Jesus (o Verbo) era Deus, sem fazer qualquer distinção entre Ele e o próprio Deus Pai em termos de natureza divina. Não há indicativo de que Jesus seja um "deus" menor, mas que Ele é igual a Deus.

¹⁹ Artigo: *Perguntas dos Leitores*. Site: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1964169>
Acessado dia 14/11/2024

João 20:28 – "Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu!"

Tomé chama Jesus de "Deus", e Jesus não o corrige. Ao contrário, Ele aceita essa adoração. Isso reflete a crença bíblica de que Jesus é verdadeiramente Deus.

Colossenses 2:9 – "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade."

Este versículo fala de Jesus, dizendo que nele habita toda a plenitude da divindade. Isso reforça que, em Jesus, se encontra a totalidade da natureza de Deus.

Hebreus 1:8 – "Mas, do Filho, diz: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; cetro de retidão é o cetro do teu reino."

Aqui, o autor de Hebreus cita um versículo do Antigo Testamento (Salmo 45:6), aplicando-o diretamente a Jesus, chamando-o de "Deus".

Portanto, em termos bíblicos, Jesus é muito mais do que apenas um "deus" no sentido genérico ou inferior, como as Testemunhas de Jeová afirmam. Ele é o Deus verdadeiro e pleno, coeterno com o Pai.

O uso do termo "deus" em outros contextos bíblicos

A Bíblia de fato utiliza o termo "deus" de formas variadas, mas em contextos bem diferentes da divindade única e suprema de Deus. O termo "deus" pode ser usado para se referir a seres com autoridade ou influência, mas isso não significa que eles sejam deuses no sentido pleno da palavra. Vamos analisar alguns desses casos:

Satanás é chamado "deus deste mundo" (2 Coríntios 4:4) – Quando Paulo se refere a Satanás como "deus deste século", ele está falando sobre sua influência e domínio sobre o sistema mundano e a mente dos incrédulos. Isso não implica que Satanás seja um deus no sentido de ser divino ou eterno, mas sim que ele exerce uma autoridade temporária sobre aqueles que vivem no pecado e na rebelião contra Deus. Satanás é um falso deus!

Moisés como "deus" para Faraó (Êxodo 7:1) – Deus diz a Moisés: "Vês que te faço Deus para Faraó". Aqui, Moisés não é realmente "Deus" no sentido divino, mas Deus o coloca em uma posição de autoridade e poder perante o Faraó, de modo que suas palavras e ações teriam o peso de um emissário divino. Note que isso foi perante Faraó, não perante o povo que poderia cair na idolatria e adorar Moisés.

Homens chamados "deuses" nos Salmos (Salmo 82:6) – Em Salmo 82:6, Deus diz: "Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós sois filhos do Altíssimo". Aqui, o termo "deuses" é usado para se referir aos juizes ou líderes humanos, que têm autoridade sobre o povo, mas que são, na realidade, sujeitos ao julgamento de Deus. Este versículo não implica que esses juizes sejam deuses no sentido divino, mas sim que possuem uma autoridade dada por Deus.

Jesus e o Salmo 82:6 (João 10:34-36) – Quando Jesus cita o Salmo 82:6, Ele está respondendo a uma acusação de blasfêmia por parte dos judeus, que o acusavam de se fazer Deus. Jesus argumenta que, se a Escritura pode se referir a juizes humanos como "deuses", então, sendo Ele o Filho de Deus, não seria blasfêmia afirmar que Ele é divino. Aqui, Jesus não está dizendo que seres humanos são deuses no sentido pleno, mas apontando para a autoridade divina que Ele tem como o Filho de Deus.

Conclusão deste Tópico

A Bíblia usa o termo "deus" em diferentes contextos, como uma forma de se referir à autoridade ou poder de seres humanos ou seres espirituais. No entanto, a divindade de Jesus é única e não se encaixa nesses mesmos moldes. A visão das Testemunhas de Jeová de que Jesus é apenas um "deus" inferior e distinto de Deus Pai é inconsistente com a revelação bíblica, que ensina que Jesus é Deus em essência e natureza, coigual e coeterno com o Pai.

Portanto, ao defender a divindade de Jesus, é importante ressaltar que, enquanto o termo "deus" pode ser usado em outros contextos na Bíblia, o que a Escritura diz sobre Jesus é que Ele é verdadeiramente Deus, e não um deus menor ou subordinado.

Jesus foi Adorado como Deus

O leitor já deve ter notado que cito muito as Testemunhas de Jeová. Isto porque nenhuma doutrina cristã tem sido tão duramente atacada pelas Testemunhas de Jeová como a divindade de Cristo e a Trindade. A religião das Testemunhas de Jeová é uma das principais que mais ataca a Fé Cristã duramente. Sobre Jesus, o argumento das Testemunhas de Jeová é que Ele não é Deus e como tal, não deve ser adorado. Esse é o argumento do livro *Raciocínio à Base das Escrituras*, editado em 1985:

“Em Hebreus 1.6, os anjos são instruídos a ‘adorar’ a Jesus, de acordo com as traduções ALA, BJ, CBC, BV. A Tradução Novo Mundo, diz ‘lhe prestem homenagem’ (pp 215,216).²⁰”

Neste argumento as Testemunhas de Jeová deixam claro que os tradutores das Bíblias protestantes e católicas traduzem ‘adorar’ em relação a Jesus Cristo, exceto a Tradução Novo Mundo editada por sua religião que traduz como ‘prestar homenagem’”.

Mas houve uma mudança na *Tradução Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, utilizada pelas Testemunhas de Jeová. Inicialmente, nas edições de 1953, 1960, 1961 e 1970, a tradução usava a palavra "adorar" em Hebreus 1.6, indicando que Jesus Cristo deveria ser adorado, incluindo pelos anjos. No entanto, a partir da edição de 1971, essa palavra foi substituída por "reverenciar". As Testemunhas de Jeová que viveram antes de 1971 acreditavam que Cristo deveria ser adorado, um ponto que as pessoas que mencionam essa mudança não costumam esclarecer.

A palavra grega traduzida “adorar” é *proskynéo*. Era usada para indicar o costume de prostrar-se diante duma pessoa e beijar-lhe os pés, a orla da sua veste, o chão. Na tradução das Testemunhas de Jeová, em Mateus 14.33, diz que em relação a Jesus os discípulos “prestaram-lhe então homenagem”. O mesmo se dá em Hebreus 1:6 em que é traduzido erroneamente como “todos os anjos de Deus lhe prestem homenagem”. Agora, curiosamente, a mesma palavra *proskynéo* em relação a Deus Pai, os tradutores das Testemunhas de Jeová traduziram Mateus 4.10 como: “Jesus disse-lhe então: “Vai-te, Satanás! Pois está escrito: ‘É a Jeová, teu Deus, que tens de adorar e é somente a ele que tens de prestar serviço sagrado.’”

²⁰ Artigo: Proskynéo: Adorar ou Reverenciar? Artigo compilado. CACP – Ministério Apologético. Site: <https://www.cacp.app.br/proskynéo-adorar-ou-reverenciar/> Acessado dia 14/11/2024

Sobre isto, um crítico das Testemunhas de Jeová escreveu:

“Vamos ver se entendi bem o raciocínio acima: quando o termo grego *proskynéo* é usado em relação a Jesus Cristo e a outras pessoas, então ele tem o significado de “reverenciar”. E que esse tipo de “reverência” era traduzido pelo “costume de prostrar-se diante duma pessoa e beijar-lhe os pés, a orla de sua veste, o chão”, não havendo nada de mal nessa prática já que era um costume da época usado para homenagear ou reverenciar alguém. Não era uma adoração. Por outro lado quando esse mesmo termo é usado em relação a Deus, então o seu significado é “adorar”.²¹

E complementa:

“Basta uma olhada em algumas das sessenta ocorrências do uso de *proskynéo* no texto do Novo Testamento Grego para verificarmos que essa tese não se sustenta. Observemos, por exemplo, o texto de Atos 10.25,26:

“E aconteceu que, entrando Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo e, prostrando-se a seus pés. o adorou (*proskynéo*). Mas Pedro o levantou, dizendo: levanta-te, que também sou homem”.

Se o uso de *proskynéo* quando usado em relação às pessoas refletia um costume da época, não havendo nada de mal na prática de uma pessoa reverenciar ou homenagear a outra, então por que o apóstolo Pedro neste texto rejeitou terminantemente a “homenagem” ou “reverência” (*proskynéo*) de Cornélio quando esse prostrou-se aos seus pés? Não era afinal de contas um costume da época?

Observemos mais dois textos bíblicos (ambos já citados em seus comentários): “E os que estavam no barco o adoraram (*proskynéo*), dizendo: És Verdadeiramente o Filho de Deus!” (Mt

²¹ Idem nº 20.

14.33); “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4.10). Se o comentário feito pelas Testemunhas de Jeová anteriormente, que diz *proskynéo*, “se deve prestar unicamente a Deus”, não deveria o Senhor Jesus Cristo ter lembrado aos seus discípulos esse importante detalhe em Mateus 14.33 quando prostram-se aos seus pés? Não são as mesmas palavras usadas em ambos os textos?

Comparando ainda Mateus 14.33 com Atos 10.25,26, não é lógico concluir que o apóstolo Pedro rejeitou adoração (*proskynéo*) por ser de apenas um ‘homem?’, o Senhor Jesus Cristo aceitou essa mesma adoração (*proskynéo*) por ser Ele Deus, exatamente como diz João 1.1: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus?”²²

Vale aqui lembrar do apóstolo João adorando o anjo no livro de Apocalipse:

“Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo.

Mas ele me disse: “Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!”

Falei em outro tópico que o ato de inclinar-se em reverência, como no caso de Bate-Seba em relação ao rei Salomão (1º Reis 1:16-17, 31), estava em desuso no tempo do Novo Testamento por ser visto como idolatria. Os casos de Pedro e Cornélio, João e o anjo no Apocalipse, são provas disso. Vários textos mostram que Jesus foi de fato adorado:

Mateus 2:11 – Os Magos ao encontrarem Jesus na casa de Maria, se prostram e o adoram, reconhecendo-o como o Rei prometido.

²² Idem nº 20.

Mateus 8:2-3 – O leproso adora e se prostra diante de Jesus, demonstrando sua fé e reverência, e Jesus o cura.

Mateus 14:33 – Os discípulos adoram Jesus após Ele acalmar a tempestade.

Mateus 28:9 – Após a ressurreição de Jesus, as mulheres que foram ao sepulcro prostraram-se diante d'Ele, adorando-o como o Cristo ressuscitado.

João 9:38 – O homem que foi curado de sua cegueira, ao reconhecer a identidade de Jesus como o Filho de Deus, o adora.

João 20:28 – Depois de ver Jesus ressuscitado, Tomé se prostra e o reconhece como Senhor e Deus, em um ato claro de adoração.

Lucas 24:52 – Os discípulos adoram Jesus após a ascensão.

Em todos esses casos, não há qualquer reprovação. Agora, raciocine comigo: o Senhor Jesus realizou obras maravilhosas que ninguém mais conseguiu fazer e pronunciou palavras que deixaram as pessoas de sua época maravilhadas. Você realmente acredita que, diante de tantas maravilhas gloriosas, as pessoas não iriam adorá-lo? Talvez alguém argumente que, por serem judeus e conhecedores das leis de Deus, o povo daquela época jamais adoraria a Jesus. Mas isso é um grande engano. Aqueles que viveram naquele tempo eram tão pecadores e imperfeitos quanto qualquer outro povo da face da Terra. Se considerarmos a história de Israel, onde o povo adorou até o bezerro de ouro e a "rainha dos céus", como poderíamos pensar que, diante da glória de Cristo, Ele não seria adorado?

O evangelista João escreveu que “aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Se a vida e a presença de Jesus não causou pelo menos o desejo de adoração em ninguém daquele tempo, então a glória d'Ele não é nada e ele foi um

simples homem pensador como qualquer outro da história. Veja o exemplo do apóstolo Paulo:

“Ele ouvira Paulo falar. Quando Paulo olhou diretamente para ele e viu que o homem tinha fé para ser curado, disse em alta voz: "Levante-se! Fique de pé! " Com isso, o homem deu um salto e começou a andar.

Ao ver o que Paulo fizera, a multidão começou a gritar em língua licaônica: "Os deuses desceram até nós em forma humana! "

A Barnabé chamavam Zeus e a Paulo Hermes, porque era ele quem trazia a palavra.

O sacerdote de Zeus, cujo templo ficava diante da cidade, trouxe bois e coroas de flores à porta da cidade, porque ele e a multidão queriam oferecer-lhes sacrifícios.

Ouvindo isso, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as roupas e correram para o meio da multidão, gritando:

"Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos humanos como vocês. Estamos trazendo boas novas para vocês, dizendo-lhes que se afastem dessas coisas vãs e se voltem para o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há”.

- Atos 14:9-15

Se com o apóstolo Paulo aconteceu assim, imagine como não foi na glória de Cristo entre os seres humanos. Dizer que, por serem judeus, eles não iriam adorar a Cristo é desconhecer a natureza humana e os enganos do pecado. Qualquer um que fizesse milagres como os que Jesus fez seria passível de adoração. Imagine Jesus, a quem ninguém se assemelha.

Portanto, o Senhor Jesus deve ser adorado como Deus. A Bíblia diz que devemos adorar somente a Deus, mas Jesus recebeu e aceitou adoração porque se igualava ao Pai.

“...antes de Abraão nascer, Eu Sou!”

“Disseram-lhe os judeus: "Você ainda não tem cinqüenta anos, e viu Abraão?"

Respondeu Jesus: "Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!"

Então eles apanharam pedras para apedrejá-lo, mas Jesus escondeu-se e saiu do templo”.

– João 8:57-59

Na tentativa de relativizar a frase “Eu Sou”, muitos argumentam que o apóstolo Paulo - referindo-se a si mesmo – também usou a expressão “eu sou” (ego eimi, em grego). O problema é que ninguém seria apedrejado apenas por dizer “eu sou”, e nem a Lei de Moisés dizia que era pecado alguém falar que existiu antes de Abraão (quanto mais o Filho de Deus!). Então, porque os judeus decidiram apedrejar Jesus?

Os judeus entenderam que através da frase “Eu Sou” Jesus estava se auto intitulado “Jeová”, conforme descrito em Êxodo 3:14. No original grego, “Eu Sou” se pronuncia “*ego eimi*”. No tempo de Jesus a versão da Bíblia que os judeus usavam constantemente era a famosa Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento). E, nesta versão, em Êxodo 3:14 não aparece o nome Jeová, mas, sim, Εγώ ειμι (ego eimi).

A importância de Crer que Jesus é o Grande “Eu Sou”

Ao comentar sobre a frase “*ego eimi*”, o teólogo James White escreveu algo interessante:

“Apesar das evidências da Deidade do Senhor Jesus Cristo serem numerosas neste livro, um conjunto destas evidências tem sempre

fascinado os teólogos. Jesus atribui a frase específica ego eimi a Si mesmo frequentemente no Evangelho de João, e um número de vezes ele assim faz de forma tão fértil, não provendo qualquer predicado imediatamente identificável.

[...]

Concluindo, nós fazemos bem em ver, então, com este entendimento em mente, nas palavras de Jesus em João 8:24: "a menos que vocês creiam que Eu sou, vocês morrerão em seus pecados". Jesus aqui dá a nós o conteúdo e objeto da fé salvífica - fé, fé real é a que vem ao Jesus real. Uma fé que exige uma mudança em Jesus antes que um compromisso seja feito não é bem uma fé real. Os Judeus que estavam com Ele durante esta conversa seguramente não teriam negado que Ele era um homem - mas isto não era suficiente para ter fé. Alguns bem recentemente proclamaram Ele como Messias - mas isto não é suficiente para ter fé. Alguns poderiam aclamá-lo como um profeta ou um operador de milagres, abençoado por Deus - mas isto não é suficiente para ter fé. Alguns hoje dizem que Ele era um grande mestre e filósofo moral - mas isto não é suficiente para ter fé. Alguns O chamam "um deus" ou um grande anjo - mas isto não é suficiente para ter fé. Não, o próprio Jesus formulou a doutrina - a menos que se creia que Ele seja quem Ele diz que é - o ego eimi - se irá morrer em seus próprios pecados. Não há salvação em um falso Cristo. Se nós temos que ser unidos a Cristo para ter vida eterna, então devemos ser unidos ao verdadeiro Cristo, não uma representação falsa. É por causa do amor que Cristo declarou em João 8:24. Devemos fazer bem em dar atenção a Suas palavras".²³

O grande expositor e teólogo J. C. Ryle escreveu:

“Vamos cuidadosamente notar que forte prova temos aqui da pré-existência e divindade de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele aplica

²³ Artigo: *Propósito e Significado de "Ego Eimi"*. Escrito por James White. Site: <http://www.e-cristianismo.com.br/teologia/apologetica/proposito-e-significado-de-ego-eimi.html> Acessado dia 14/11/2024

a si mesmo o mesmo nome que Deus se fez conhecido quando Ele se comprometeu a redimir Israel. Foi "EU SOU" que os trouxe para fora da terra do Egito. Foi "EU SOU" que morreu por nós na cruz. A espetacular força da fundação da esperança de um pecador aparece aqui. Acreditando em Jesus nós descansamos na divindade, em Um que é Deus e também homem.

Há uma diferença nos verbos gregos empregados aqui que nós devemos cuidadosamente notar. O grego para "era" é bem diferente do grego para "sou". É como se nosso Senhor dissesse, "Antes de Abraão nascer, eu tenho uma existência individual e eterna".²⁴

Lutero e Santo Agostinho anteriormente, escreveram em termos certos:

“O Senhor Cristo está nervoso no íntimo e diz: "Vocês querem saber quem sou Eu? Eu sou Deus, e isto no sentido mais pleno. Façam como quiserem. Se vocês não acreditam que Eu sou Ele, então vocês não são nada, e vocês deverão morrer em seus pecados.

Nenhum profeta, apóstolo ou evangelista pode proclamar e dizer: "Creiam em Deus, e também creiam que Eu sou Deus; do contrário vocês estão perdidos".²⁵

A. T. Robertson certamente não viu nenhum problema linguístico aqui:

“Eu sou (ego eimi). Sem dúvida aqui Jesus clama existência eterna com a frase absoluta usada por Deus. O contraste entre *genesthai* (entrada na existência de Abraão) e *eimi* (existência atemporal) é completa. Veja o mesmo contraste entre *en* em [João] 1:1 e *egeneto*

²⁴ Ryle, Expository Thoughts, pg. 573. Idem nº 23.

²⁵ Martinho Lutero, "Sermons on the Gospel of John Chapters 6- 8" em Luther's Works, Jerislav Pelikan, editor, (Saint Louis: Concordia Publishing House, 1959) página 365. Idem nº 23.

em [João] 1:14. Veja o contraste também em Salmos 90:2 entre Deus (*ei, art*) e as montanhas (*genethenai*).²⁶

E finalmente, William Hendrickson coloca bem diretamente:

“O "Eu sou" aqui (8:58) lembra um dos "Eu sou" em 8:24. Basicamente, o mesmo pensamento é expresso em ambas passagens; a saber, que Jesus é Deus!”.²⁷

Por isto, os judeus entenderam muito bem Suas reivindicações, ou seja, Jesus estava se fazendo igual a Deus.

Jesus é a Imagem do Deus Invisível

“Jesus respondeu: "Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: ‘Mostra-nos o Pai?’

Você não crê que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu lhes digo não são apenas minhas. Pelo contrário, o Pai, que vive em mim, está realizando a sua obra.

Creiam em mim quando digo que estou no Pai e que o Pai está em mim; ou pelo menos creiam por causa das mesmas obras”.

– João 14:9-11

A ideia de que Jesus é o próprio Pai é refutada por essas passagens. O fato é que Jesus está no Pai assim como o Pai está nEle. A questão de que ver Jesus é ver o Pai, significa que Ele é Deus em Pessoa humana, pois “Ele é a imagem do Deus invisível” (Colossenses 1:15).

²⁶ A. T. Robertson, *Word Pictures*, 5:158-159. 25. William Hendrickson, *New Testament Commentary: The Gospel of John*, (Grand Rapids: Baker Book House, 1953) página 67. *Idem* nº 23.

²⁷ William Hendrickson, *New Testament Commentary: The Gospel of John*, (Grand Rapids: Baker Book House, 1953) página 67. *Idem* nº 23.

O Senhor Deus em Sua Glória , sendo “o único que é imortal e habita em luz inacessível, a quem ninguém viu nem pode ver” (1ª Timóteo 6:16), não pode ser visto e nem ser feita alguma imagem que o represente. Mas através do Filho, a única imagem que Deus permite, Deus pode ser visto.

Deus tem Sangue e Carne?

“Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, **para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue**”.

- Atos 20:28 – o grifo é meu.

No texto em questão, é evidente que Deus comprou a Igreja com o Seu próprio sangue. A Igreja, portanto, pertence a Cristo, pois foi Ele quem a adquiriu. Neste caso, a referência não é ao Deus Pai, mas a Jesus, o Filho de Deus, que morreu pelos pecadores: “Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Romanos 5:6). Também encontramos em Mateus 26:28 a declaração de Jesus: “Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados”.

Obviamente, Deus não tem sangue. Mas o texto de Atos 20:28 está dizendo que Deus tem sangue porque Jesus Cristo é Deus. Mas Deus também tem carne. A partir do momento que “o Verbo era Deus” e “se fez carne” (João 1:1, 14), Deus então passou a ter carne, ossos e sangue. Após a ressurreição, Jesus disse:

“Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho”.

- Lucas 24:39

Esse mesmo Deus de carne e osso, cuja adoração é em espírito e em verdade, também pode ser adorado na carne. O Jesus ressuscitado se apresentou a Tomé:

“E Jesus disse a Tomé: "Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia".

Disse-lhe Tomé: "Senhor meu e Deus meu!"

- João 20:27-28

Se Jesus não fosse Deus, a adoração de Tomé seria um puro ato de idolatria e pecado contra Deus. Tomé adorou a um homem! E este homem é Deus Encarnado, que “é Deus acima de tudo, bendito para sempre! Amém” (Romanos 9:5).

“...embora sendo Deus, não considerou que...”

“Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se...”.

- Filipenses 2:6-11

O apóstolo Paulo destaca que, apesar de Jesus ser Deus, Ele não se apegou ao seu *status* divino, mas escolheu se humilhar e assumir a forma humana. A mensagem é que devemos adotar a mesma atitude de humildade e desapego de Cristo, priorizando o serviço e o amor ao próximo, em vez de buscar reconhecimento ou privilégios. Mas o tema é bem mais profundo acerca da Divindade de Jesus Cristo.

A frase “sendo Deus” ou “subsistindo na forma de Deus” conforme a tradução nos relembra que o Senhor Jesus teve uma existência pré-temporal sendo a Segunda Pessoa da Trindade. As opiniões tradicionais sobre esse texto de Paulo eram que Cristo era

igual a Deus e não considerava que isso fosse errado, ou que Ele fosse igual a Deus e não se agarrou a essa condição. Uma opinião adequada é que Cristo, quando estava “na forma de Deus”, não procurou agarrar, ou conseguir com força, a igualdade com Deus.

Uma coisa que pode passar despercebida é a questão da “igualdade como Deus” em Filipenses 2:6 com a frase “igual a Deus” em João 5:18. O teólogo Robert M. Bowman Jr., escreveu que “na base de expressões paralelas na literatura judaica rabínica, entende que as duas expressões significam, não a igualdade substancial da natureza divina que Cristo possuía desde a eternidade como a segunda pessoa da Trindade, mas uma “igualdade” independente segundo a qual Ele teria sido um Deus rival ou rebelde”.²⁸ Assim, conclui “que Cristo era por Seu próprio direito (de jure) igual a Deus no sentido de possuir a natureza de Deus, e poderia ter exigido que as Suas criaturas O adorassem como tal; mas Ele optou por buscar a igualdade de fato (de Jacto), sem a exigir independentemente do Seu Pai, mas, pelo contrário, por meio de humilhar-se como homem e deixar que o Pai O exaltasse”.²⁹

O texto destaca que a humildade de Cristo, conforme descrita em Filipenses 2:3-5, deve servir de exemplo para todos. Paulo ensina que devemos considerar os outros superiores a nós mesmos, demonstrando uma atitude de humildade e serviço, semelhante à de Cristo.

“...é grande o mistério da piedade...”

“...mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens.

²⁸ E-book: Por que devo crer na Trindade? pg. 117. Robert M. Bowman, Jr. Editora Candeia.

²⁹ Idem nº 28, pg. 117.

E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!”

– Filipenses 2:7-8

Na sequência de Filipenses 2, o apóstolo Paulo nos oferece uma profunda reflexão que ajuda a compreender o mistério da Encarnação de Cristo. Ele destaca o surpreendente fato de que Deus se fez homem, um ato que é, para Paulo, um verdadeiro mistério. A ideia de que o Verbo divino, o Criador de tudo, se fez carne e habitou entre nós, desafia toda lógica humana e revela o profundo amor de Deus pela humanidade. Escrevendo para Timóteo, Paulo disse:

“Não há dúvida de que é grande o mistério da piedade: Deus foi manifestado em corpo, justificado no Espírito, visto pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo, recebido na glória”.

– 1ª Timóteo 3:16

A vinda de Deus ao mundo gera muitos conflitos para a mente humana. O texto no início deste tópico ajuda a resolver todos os problemas em torno da Cristologia. O “esvaziou-se a si mesmo” por parte do Verbo Divino, na tradução do grego *ekenósen heauton*, refere-se ao ato de Jesus abdicar de Sua posição Divina e do uso pleno de seus atributos divinos para assumir a natureza humana. A palavra grega *ekenósen* vem de *kenóo*, que significa "esvaziar", "tornar vazio" ou "renunciar", sugerindo que Jesus se limitou voluntariamente ao se tornar humano, sem perder Sua divindade, mas não utilizando plenamente seus direitos e poderes divinos. Esse "esvaziamento" é entendido como um ato de humilhação e auto-sacrifício, essencial para a Encarnação e a Obra Redentora de Cristo.

É por isso que podemos compreender as limitações de Jesus em várias situações. Como homem, Ele não sabia o dia nem a hora de Sua Vinda em juízo contra Jerusalém (Mateus 24:36). Cresceu e aprendeu como ser humano (Lucas 2:40; Lucas 2:52; Hebreus 5:8). Viveu limitado pelo espaço e pelo tempo, mas jamais deixou de ser

Deus. Sua limitação também se refletia em relação ao Pai. O próprio Senhor afirmou que "o Pai é maior do que eu" (João 14:28b). O autor de Hebreus 2:9 escreve que Jesus "foi feito um pouco menor do que os anjos, por causa do sofrimento da morte, coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, experimentasse a morte por todo homem." Essa é a explicação para a declaração de Jesus sobre o Pai ser maior do que Ele e ser servo (Isaías 42:1; Mateus 12:18; Filipenses 2:7; João 5:19; João 6:38; Mateus 20:28; Lucas 22:27).

O Senhor Jesus permanece homem eternamente, pois nunca descartou Seu corpo físico. É por isto que Ele vive eternamente. Diversas passagens confirmam que Ele continua sendo homem. Ele tem duas naturezas: a Divina e a humana. Eis o mistério! Como homem, o Pai sempre será maior do que Ele, mas como Deus, Ele está em plena igualdade com o Pai, como sempre foi. Tudo isso se esclarece na frase do texto acima: "vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!"

Após Seu esvaziamento e passagem nesta Terra o Senhor recebe de volta Sua posição:

"Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai".

- Filipenses 2:9

Mais uma vez o texto de Filipenses ajuda a esclarecer o porquê Jesus disse que "foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra" (Mateus 28:18). A compreensão da autoridade e poder de Jesus como derivada do Pai é essencial, pois precisamos entender que ao se humilhar e tornar-se servo, de fato Ele tinha que ter uma fonte de autoridade acima dEle. Como diz João 7:28-29, o Senhor disse que

“eu não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou é verdadeiro, a quem vós não conheceis. Eu o conheço, porque venho dele, e ele me enviou”. Nada disso diminui a Divindade de Jesus Cristo. Mas para se humilhar e vir como servo de Deus neste mundo é necessário o esvaziamento de Si mesmo para ser “encontrado em forma humana”.

Mais textos que Provam que Jesus Cristo é Deus

“Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do grande Deus e nosso Salvador, Cristo Jesus”.

- Tito 2:13 – o grifo é meu.

Este versículo é fundamental para o entendimento da Divindade de Jesus Cristo, pois descreve explicitamente Jesus como "o grande Deus e nosso Salvador". Em um contexto judaico e cristão primitivo, onde a monoteísta crença em um único Deus era central, a afirmação de que Jesus é chamado de "Deus" reflete uma compreensão cristológica robusta que vai além da figura de um simples profeta ou mestre.

Exegese e Contexto

Em Tito 2:13, o apóstolo Paulo escreve sobre a "bendita esperança", que é a expectativa do retorno glorioso de Jesus. Ao referir-se a Ele como "o grande Deus e nosso Salvador", Paulo está utilizando uma linguagem que, à primeira vista, seria associada somente ao Deus do Antigo Testamento. O uso do termo "grande Deus" (em grego, *megistos theos*) é uma expressão que indica a soberania e majestade de Deus. Além disso, o título de "Salvador" aplicado a Jesus é frequentemente usado no Novo Testamento em

referência à sua Obra Redentora, um papel que, tradicionalmente, era atribuído a Deus. Essa combinação de títulos reforça a ideia de que Jesus não é apenas o Messias humano, mas a manifestação Divina de Deus.

Em Isaías 43:11 Deus diz que “eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador”. Nos tempos do Novo Testamento, sobre Jesus, se diz: “é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lucas 2:11). Se Jesus não é Deus, então temos dois salvadores. Um maior, o Pai, e outro menor, Jesus Cristo. Não adianta dar mil explicações para tentar contornar o óbvio. Ou depositamos nossa confiança em Deus mediante a Pessoa de Jesus Cristo, ou teremos que lidar com uma aparente contradição.

Considerações Judaicas e Paulinas

Paulo, um ex-fariseu, possuía uma profunda reverência pelo monoteísmo judaico, como é visto em passagens como Deuteronômio 6:4, a "Shema" (ouve), que afirma que "O Senhor nosso Deus é o único Senhor". No entanto, ao aplicar esses títulos Divinos a Jesus, Paulo reflete a experiência cristã primitiva de ver em Jesus a plena revelação de Deus. Para Paulo, o entendimento da Trindade — a ideia de que Deus se revela de maneira plural (Pai, Filho e Espírito) — não contradiz o monoteísmo, mas expande a compreensão de como Deus se manifesta na história e na salvação da humanidade.



“Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, a aqueles que conosco obtiveram uma fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo”.

- 2ª Pedro 1:1

Aqui, Pedro também se refere a Jesus como "nosso Deus e Salvador", uma declaração clara da Divindade de Cristo. Assim como em Tito 2:13, o uso do título "Deus" para Jesus não deixa margem para interpretações de que Ele seria uma mera figura humana ou um ser criado. O versículo afirma a "fé igualmente preciosa" que os cristãos possuem, não por mérito próprio, mas pela obra de Jesus, que é identificado diretamente com Deus.

Exegese e Contexto

No contexto do Novo Testamento, o termo "Salvador" é frequentemente associado a Deus, especialmente no Antigo Testamento, onde somente Deus pode salvar (Isaías 43:11, 45:21). A associação de Jesus com esses atributos Divinos em 2ª Pedro 1:1 mostra que os cristãos primitivos viam Jesus não apenas como um intermediário entre Deus e os homens, mas como a própria manifestação de Deus.

A frase "pela justiça do nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo" também sugere que a Obra salvífica de Jesus, especialmente em Sua morte e ressurreição, é uma manifestação da justiça Divina. A redenção trazida por Cristo é, portanto, uma ação diretamente atribuída a Deus, confirmando a visão cristológica de que Jesus é Deus encarnado.

Considerações Judaicas e Apostólicas

O apóstolo Pedro, assim como Paulo, é profundamente enraizado no monoteísmo judaico, mas ao mesmo tempo reconhece a identidade Divina de Jesus. Essa doutrina começa a tomar forma nas primeiras comunidades cristãs, onde se entende que Jesus, enquanto

Filho, compartilha da mesma natureza Divina do Pai. A visão apostólica da Trindade, que se desenvolveria mais plenamente ao longo dos séculos, já se insinuava nessas declarações.



“Quando o vi, caí a seus pés, como morto. Mas ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas. Eu sou o Primeiro e o Último, e o que vivo; estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre; e tenho as chaves da morte e do inferno”.

- Apocalipse 1:17-18

Este é um dos textos mais poderosos que afirmam a Divindade de Cristo. A frase "Eu sou o Primeiro e o Último" é um título exclusivo de Deus no Antigo Testamento (Isaías 44:6; 48:12), e aqui é aplicado diretamente a Jesus. Ele também afirma que "estive morto, mas eis que estou vivo para todo o sempre", o que reflete Sua ressurreição, um ato que confirma Sua identidade Divina e Sua autoridade sobre a morte.

Exegese e Contexto

A frase "Primeiro e Último" é uma designação clara para Deus, conforme visto em Isaías 44:6, onde Deus diz: "Eu sou o primeiro e o último, e fora de mim não há Deus". Quando Jesus aplica esse título a si mesmo, Ele está se identificando com Deus de maneira direta e inconfundível. Jesus não está apenas falando sobre Sua eternidade, mas sobre Sua soberania cósmica, afirmando que Ele é o princípio e o fim de todas as coisas, um papel que somente Deus pode reivindicar.

A afirmativa de que "tenho as chaves da morte e do inferno" também é uma declaração de autoridade Divina. Somente Deus tem

domínio sobre a vida e a morte (Deuteronômio 32:39), e Jesus, como o "Eu Sou", compartilha dessa autoridade.

Considerações Judaicas e Apocalípticas

O livro de Apocalipse, escrito por João, reflete uma teologia cristã desenvolvida, mas ainda muito enraizada no contexto judaico e nas tradições apocalípticas. A imagem de Jesus como o "Primeiro e o Último" remonta a uma compreensão judaica de Deus como eterno e soberano, mas, ao mesmo tempo, ela se expande para incluir a Obra de salvação realizada por Cristo. Para João, a ressurreição de Jesus não apenas confirmou Sua divindade, mas também indicou Sua continuidade com o Deus do Antigo Testamento.



“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim”.

- Apocalipse 22:13

O Senhor Jesus Cristo se apresenta novamente como o Alfa e o Ômega, títulos que denotam Sua eternidade e soberania. Assim como em Apocalipse 1:17-18, essas afirmações indicam a plenitude da identidade divina de Cristo.

Exegese e Contexto

Ao se autodenominar "Alfa e Ômega", Jesus usa a primeira e a última letra do alfabeto grego para expressar Sua natureza eterna e transcendente. Essa linguagem é uma reafirmação de Sua Divindade, confirmando que Ele está presente desde o início da criação até o fim dos tempos, governando todas as coisas. Novamente, essa expressão

foi originalmente usada por Deus no Antigo Testamento (Isaías 44:6), e agora é aplicada a Jesus, mostrando que Ele compartilha da mesma autoridade e eternidade de Deus Pai. Não é em sentido secundário como afirma alguns, e nem poderia ser dada a clareza da igualdade entre Pai, Filho e Espírito Santo.

Considerações Judaicas e Apocalípticas

Como já discutido em Apocalipse 1:17-18, a utilização de títulos exclusivos de Deus para Jesus reflete uma mudança significativa na compreensão de quem Cristo é para os cristãos primitivos. Embora Jesus tenha vivido como homem na história, Ele é visto como aquele que transcende o tempo e a história, estando em plena continuidade com o Deus do Antigo Testamento.

Conclusão deste Tópico

Através desses textos, podemos ver que a Divindade de Jesus Cristo é uma afirmação Central da Fé Cristã. Tanto Paulo quanto Pedro e João, em contextos diferentes, aplicam a Jesus títulos Divinos que pertencem exclusivamente a Deus no Antigo Testamento. A ressurreição de Jesus, Suas afirmações de eternidade e Sua autoridade sobre a morte e o inferno são elementos-chave que confirmam que Ele não é apenas o Messias humano, mas o próprio Deus Encarnado. Essas declarações não apenas reforçam a ideia da Trindade, mas também mostram como os primeiros cristãos entenderam a relação intrínseca e indissociável entre o Pai e o Filho, a quem adoram como um só Deus.

Assim, a Divindade de Jesus é um tema fundamental para a teologia cristã, refletindo a continuidade entre a revelação de Deus no Antigo Testamento e a revelação de Deus em Cristo no Novo Testamento.

A Trindade, com sua complexa mas coesa visão de um único Deus em três pessoas, encontra uma expressão clara nesses textos, que desafiam qualquer noção de um Cristo meramente humano ou criado.

Jesus é Eterno

As Escrituras afirmam que somente Deus é eterno, sem princípio e sem fim. No entanto, também declaram que Jesus Cristo é eterno, o que prova Sua natureza Divina e Sua existência sem princípio e sem fim. Vamos começar pelo Antigo Testamento, naquelas profecias sobre a Vinda do Messias:

“Mas tu, Belém Efrata, embora seja pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que será governante sobre Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”.

- Miquéias 5:2

Quem pertence aos “dias da eternidade”? é claro que é somente Deus. A origem de Cristo também é apontada como sendo “desde os dias da eternidade”, uma clara referência à Sua pré-existência e natureza eterna.



“O Senhor me possuía no começo de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui ungida, desde o princípio, antes de haver mundo”.

- Provérbios 8:22-23

Embora este texto fale sobre a Sabedoria de Deus (geralmente interpretada como uma personificação de Cristo em textos cristãos), ele reflete a ideia de que a Sabedoria (Cristo) existia antes da criação, afirmando Sua pré-existência e eternidade. Algumas traduções trazem o versículo 22 como “o Senhor me criou como a primeira das suas

obras, o princípio dos seus feitos mais antigos” (ARA)³⁰. A tradução ACF³¹ traz “o Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos”. A NTLH³² traduz “o Senhor Deus me criou antes de tudo”. A BV³³ traduz como: “Eu estava junto com o SENHOR quando ele criou o universo”. Por causa das traduções que afirmam que a sabedoria de Deus foi criada, muitos interpretam que Cristo é uma criação de Deus. Mas o problema é que o apóstolo Paulo falou que Jesus é a Sabedoria de Deus: “...mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, **Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus.** (1^a Coríntios 1:24 – o grifo é meu). Se Jesus foi criado por Deus, então houve um tempo em que Deus estava sem a Sua sabedoria e Seu poder. Simplesmente Deus estaria inativo sem poder criar todas as coisas.

A Personificação da Sabedoria em Provérbios 8

Primeiramente, é importante entender que em Provérbios 8:22-23, a Sabedoria é personificada. Ou seja, a Sabedoria não é apresentada como uma "coisa", mas como uma figura falante, quase como uma pessoa que fala sobre sua relação com Deus e seu papel na criação. Ela se descreve como uma companheira de Deus na criação do mundo.

Aqui está o trecho novamente: "O Senhor me possuía no começo de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui ungida, desde o princípio, antes de haver mundo." (Provérbios 8:22-23)

³⁰ ARA – Almeida Revista e Atualizada.

³¹ ACF – Almeida Corrigida Fiel.

³² NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

³³ BV – Bíblia Viva.

Essa linguagem de "fui ungida" ou "me possuía" pode ser confusa se interpretada fora do contexto teológico adequado. A palavra "ungida" não deve ser vista aqui como implicando um momento de criação ou um "início" da Sabedoria. Pelo contrário, ela está sendo personificada para transmitir uma verdade mais profunda sobre o papel eterno da Sabedoria divina.

A Sabedoria como uma Projeção de Cristo

Dentro da teologia cristã, especialmente quando examinamos a relação entre o Antigo e o Novo Testamento, a Sabedoria de Deus frequentemente é vista como uma prefiguração de Cristo. Vários teólogos cristãos, como Justino Mártir e Orígenes, já apontavam para a conexão entre a Sabedoria de Deus em Provérbios 8 e Cristo, identificando a Sabedoria com o Logos (Palavra) de Deus, como descrito em João 1:1-3.

João 1:1-3 fala sobre a Palavra (Logos) de Deus, que era com Deus no princípio e que estava envolvida na criação do mundo: "No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez." (João 1:1-3)

A Palavra (ou Logos) de João é identificada com Cristo, e em muitos círculos cristãos, isso é entendido como sendo a mesma Sabedoria de Deus personificada em Provérbios 8.

A Eternidade de Cristo e a Sabedoria de Deus

O principal ponto a ser observado é que a Sabedoria de Deus não foi criada, pois a própria natureza da Sabedoria é eterna. No Antigo

Testamento, Deus é frequentemente descrito como eterno, sem princípio e sem fim (cf. Isaías 43:10-11, Isaías 44:6, Salmo 90:2). Da mesma forma, no Novo Testamento, Cristo é descrito como eterno e coeterno com o Pai.

Em João 1:3, como vimos, Cristo (a Palavra) não foi criado. Ele estava com Deus no princípio e todas as coisas foram feitas por intermédio d'Ele. Isso refuta qualquer sugestão de que Cristo, como Sabedoria, foi criado, pois o próprio ato de criação é atribuído a Ele.

Se aplicarmos essa verdade à Sabedoria personificada em Provérbios 8, a conclusão é que, se Cristo é a Sabedoria de Deus, Ele também não foi criado. Em vez disso, Ele sempre existiu com Deus desde a eternidade, antes da criação, como um ser coeterno e coigual ao Pai. Cristo, como a Sabedoria de Deus, é eterno e, portanto, não pode ser criado.

A Confusão sobre a Frase "Fui Ungida"

A expressão "fui ungida" em Provérbios 8:23 pode gerar a impressão de que a Sabedoria teve um início ou um "momento" específico em que foi estabelecida. No entanto, essa é uma maneira poética e figurativa de expressar a função eterna da Sabedoria. O "ungir" ou "posse" aqui é mais uma forma de enfatizar a relação íntima e a autoridade da Sabedoria dentro do plano eterno de Deus.

Em termos teológicos, a Sabedoria de Deus não é algo separado de Deus, mas é uma manifestação da própria essência de Deus. No caso de Cristo, isso significa que Ele é a expressão pessoal da Sabedoria divina, mas sem que haja um "início" em seu ser. Cristo é eterno, e o fato de ser personificado como Sabedoria nos textos de Provérbios não implica em um "começo" temporal.

Como Refutar a Ideia de que Cristo Foi Criado com base em Provérbios 8

A principal maneira de refutar a ideia de que Cristo foi criado com base em Provérbios 8:22-23 é compreender que, embora a Sabedoria de Deus seja personificada, ela não está sendo descrita como algo criado, mas como uma expressão eterna de Deus. O próprio Novo Testamento revela que Cristo é eterno e coeterno com o Pai (cf. João 1:1-3, Colossenses 1:17, Hebreus 13:8).

Provérbios 8 usa uma linguagem figurativa e personificada para descrever a Sabedoria, mas isso não significa que a Sabedoria tenha tido um "início". Assim, Cristo, como Sabedoria de Deus, é eterno, sem princípio e sem fim, como Deus é.

A chave está em entender que, na teologia cristã, a Sabedoria não é uma "criação" separada, mas uma manifestação da própria essência de Deus, sendo identificada com Cristo, que é eterno.

Portanto, a Sabedoria de Provérbios 8 e Cristo são ambos eternos e coeternos com o Pai, sem qualquer implicação de que Cristo tenha sido "criado".



“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”.

- Isaías 9:6

Nesta passagem, o profeta Isaías descreve a Vinda de um "menino" (referindo-se ao nascimento de Jesus), mas ao mesmo tempo revela atributos divinos extraordinários desse "filho", que indicam claramente Sua Divindade e eternidade.

O Título "Pai da Eternidade"

A expressão "Pai da Eternidade" é uma das mais impressionantes e teológicas do versículo, e ela é fundamental para entender a natureza eterna de Cristo. Vamos explorar esse título em detalhes:

A palavra "Pai" aqui não se refere a paternidade no sentido humano (como alguém que gera uma criança no tempo), mas a uma autoridade ou fonte originadora. No contexto de Isaías 9:6, isso sugere que o "Pai da Eternidade" é aquele que é a origem da eternidade, a fonte da existência eterna.

Eternidade (no hebraico, *olam*) indica algo que não tem fim. Logo, o título "Pai da Eternidade" implica que a Pessoa a quem ele se refere tem domínio sobre a eternidade, e de fato é eterno em si mesma.

Ao se referir a Cristo com o título "Pai da Eternidade", Isaías está afirmando que Cristo é eterno. Ele não foi gerado ou criado, mas Ele mesmo é a origem da eternidade. Essa é uma declaração clara de Sua Divindade, pois somente Deus é eterno e não tem princípio nem fim. O título mostra que Cristo, como o Messias prometido, não é apenas um líder humano, mas o próprio Deus eterno que transcende o tempo. Ele não está sujeito ao ciclo de nascimento e morte como os seres humanos. Em Cristo, a eternidade de Deus é revelada de forma plena e definitiva.



“Sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem princípio de dias nem fim de vida, mas, feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre”.

- Hebreus 7:3

Este versículo fala sobre Melquisedeque, mas é tipológico de Cristo. A ausência de "princípio de dias" ou "fim de vida" de Melquisedeque reflete a natureza eterna de Cristo.

.....

Salmo 90:2 (AT)**

"Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus."

- **Significado:** Este versículo afirma a eternidade de Deus, e a doutrina cristã ensina que Cristo é o "Eu Sou" eterno (João 8:58), compartilhando da natureza eterna de Deus.

Textos Usados para Refutar a Eternidade de Cristo

Como não poderia ser diferente no mundo fantasioso dos hereges, vários textos bíblicos são usados para negar a eternidade de Cristo e dizer que Ele foi uma criação de Deus. Aliás, a primeira criatura de Deus. Veja em Colossenses 1:15-20:

“Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação...”.

As Testemunhas de Jeová interpreta este texto assim:

“Quando Jesus foi criado?”

Deus criou Jesus antes de criar Adão. De fato, Deus criou Jesus e então o usou para criar todas as outras coisas, incluindo os anjos. É por isso que a Bíblia chama a Jesus de “o primogênito de toda a criação” de Deus. — Leia Colossenses 1:15, 16.

Antes de nascer em Belém, Jesus era uma criatura espiritual no céu. Quando chegou a hora, Deus transferiu a vida de Jesus do céu

para o ventre de Maria para que ele pudesse nascer como humano.
— Leia Lucas 1:30-32; João 6:38; 8:23”.³⁴

Vou abordar a refutação de forma detalhada, considerando o significado de "primogênito" (πρωτότοκος, prôtótokos – em grego) e como o contexto bíblico e linguístico ajuda a esclarecer a questão.

O significado de "Primogênito" (πρωτότοκος)

A palavra grega πρωτότοκος (prôtótokos) significa literalmente "primeiro nascido" ou "primogênito", mas seu significado pode variar dependendo do contexto. No Antigo Testamento, "primogênito" é frequentemente utilizado de maneira mais ampla, não se referindo necessariamente à ordem de nascimento, mas à posição de honra ou direito de herança.

Por exemplo, em Êxodo 4:22 Deus se refere a Israel como “meu primogênito”. Isso não implica que Israel foi o primeiro povo a ser criado, mas que ele tem uma posição de privilégio e liderança sobre as outras nações. No Salmo 89:27 diz que Davi seria o "primogênito", o mais elevado dos reis da terra. Isso também não significa que Davi fosse o primeiro rei a nascer, mas sim que ele tinha uma posição especial entre os reis.

Portanto, "primogênito" pode se referir a uma posição de *preeminência* ou *superioridade*, não a uma ordem cronológica de nascimento. Em Colossenses 1:15, ao chamar Jesus de “primogênito da criação”, a ênfase não está em Jesus ser o primeiro ser criado, mas em sua supremacia e autoridade sobre toda a criação. Devemos

³⁴ Artigo: Perguntas Bíblicas Respondidas. *Por que Jesus é chamado de Filho de Deus?*
Site: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/wp20130301/jesus-filho-de-deus/>
Acessado dia 15/11/2024

lembrar que Jesus antes da criação ainda não era o homem Jesus, mas sim o Verbo, o Logos Divino. A partir do momento que houve a Encarnação, Ele nasceu sendo criado como homem. Por isto, Sua preeminência e superioridade não como primeira criatura do Criador, mas como homem criado a imagem e semelhança de Deus.

Jesus como o "Primogênito" de toda a criação

No contexto de Colossenses 1:15-17, Paulo descreve a supremacia de Cristo sobre a criação, dizendo que “todas as coisas foram criadas por meio dele e para ele” (verso 16). Ele não está falando que Jesus é um ser criado, mas sim que Ele tem um papel central e único na criação de tudo. A palavra “primogênito” aqui, portanto, está ligada a Cristo sendo o herdeiro e Senhor de toda a criação, e não à ideia de que Ele foi criado.

Ao contrário, o versículo seguinte (verso 16) diz que “em Cristo, tudo foi criado”, o que refuta a ideia de que Jesus seria uma criatura, pois isso indicaria que Ele estaria subordinado à criação, o que contradiz a teologia cristã ortodoxa de que Ele é eterno e coigual com o Pai.

O uso de "Primogênito" em outros contextos bíblicos

No Antigo Testamento e em outros textos, o termo "primogênito" nem sempre se refere ao primeiro a nascer fisicamente. Por exemplo, em Gênesis 41:51 José chama seu filho Manassés de seu "primogênito", mesmo que ele tenha tido outros filhos depois. Em Jeremias 31:9 Deus se refere a Efraim como "o primogênito", mesmo que Efraim não tenha sido o primeiro filho de José.

Portanto, o uso de "primogênito" em Colossenses 1:15 deve ser entendido na linha dessa ideia de *preeminência* e *herança*, e não de um nascimento cronológico.

Por que não "Prōtotokis"
(πρωτόκτιστος)?

Se Paulo quisesse afirmar que Jesus fosse o “primeiro ser criado”, ele poderia ter utilizado a palavra grega πρωτόκτιστος (prōtōktistos), que significa “primeiro criado”, como é encontrado em outras passagens, como em Apocalipse 3:14, onde Jesus é chamado de “a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus”. O termo πρωτόκτιστος de fato denota algo ou alguém que foi criado primeiro, mas isso não é o que Paulo usa em Colossenses 1:15.

A escolha de πρωτότοκος (prōtōtokos) é significativa. Como mencionado, isso implica em *preeminência* e *autoridade*, e não em criação ou origem cronológica. Portanto, a teologia paulina em Colossenses está afirmando que Jesus tem *prioridade* e *supremacia* sobre toda a criação, e não sugerindo que Ele foi criado.

Outros textos que refutam a
ideia de Jesus ser criado

Vários textos nas Escrituras afirmam a eternidade de Jesus e Sua natureza divina:

João 1:1-3 diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. Este texto deixa claro que Jesus (o Verbo) não foi criado, mas é eterno e é o agente da criação. Como poderia o Criador ter sido o primeiro a ser criado? Uma vez que Jesus é a Palavra de

Deus, jamais poderia Deus estar sem Sua Palavra. Deus e Sua Palavra são unidos eternamente.

O texto de Hebreus 1:2-3 diz que “nos últimos dias, Deus nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, e por meio de quem fez o universo. Ele é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”. Aqui, a autoria e a manutenção da criação são atribuídas a Jesus, confirmando Sua natureza Divina e eterna.



“Ao anjo da igreja em Laodiceia escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus...”.

- Apocalipse 3:14

No texto acima, quando Jesus é chamado de “a testemunha fiel e verdadeira, o princípio (ἀρχή, *archē* em grego) da criação de Deus”, a palavra ἀρχή (*archē*) não implica que Cristo foi criado, mas que Ele é a fonte, o início e a autoridade suprema sobre toda a criação. A palavra ἀρχή também é usada em outros contextos para denotar autoridade e liderança — como em “arcebispo” (líder superior) e “arquiteto” (o criador ou iniciador de um projeto) — mostrando que Cristo é a origem e a autoridade, não uma criatura.

Além disso, Jesus é descrito como “o Amém” em Apocalipse 3:14, um título que aponta diretamente para Sua identidade Divina e absoluta confiança na verdade de Deus. O uso de “Amém” é significativo, pois em Isaías 65:16, Deus é chamado de “o Deus da verdade” (literalmente, “Deus da fidelidade”, em hebraico אֱמֶת-אֱלֹהִים — *El-Emet*). Esse título, “Amém”, significa que Jesus é a verdade plena e a confirmação final da vontade de Deus. Em Apocalipse, ao ser

chamado de “Amém”, Jesus declara Sua união com o Pai e Sua autoridade divina como a expressão final da verdade de Deus.

Portanto, ao ser chamado de “o Amém”, o princípio da criação de Deus e a testemunha fiel e verdadeira, Jesus não é descrito como uma criatura ou algo criado, mas como a fonte, a autoridade e a plenitude de toda a Verdade Divina. Ele é o Senhor eterno e inalterável, não sujeito à criação, mas soberano sobre ela.

Jesus é o Filho Unigênito de Deus

A expressão "Filho unigênito" aparece em João 3:16:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

O termo "unigênito" é a tradução da palavra grega *monogenes*. Este termo tem gerado controvérsias, pois alguns grupos usam a expressão "unigênito" para tentar justificar a ideia errônea de que Jesus Cristo não é Deus e foi criado. A alegação é que, se Jesus é "unigênito", ele seria um ser criado, já que, segundo essa interpretação, "unigênito" implicaria um início ou origem temporal. No entanto, essa abordagem desconsidera o fato de que "unigênito" é apenas uma tradução de um termo grego, e por isso é fundamental entender seu significado original, em vez de impor o sentido moderno da palavra.

Então, o que realmente significa *monogenes*? De acordo com o *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Léxico Grego-Ingês do Novo Testamento e outra Literatura Cristã Primitiva, 3ª Edição), *monogenes* tem duas definições principais. A primeira está relacionada a “ser o único de seu tipo dentro de um relacionamento específico”. Isso é ilustrado em Hebreus 11:17,

quando o autor se refere a Isaque como o “filho unigênito” de Abraão. Embora Abraão tivesse outros filhos, Isaque era o único filho que ele teve com Sara, e o único filho da promessa.

A segunda definição de *monogenes* refere-se a “algo único em sua espécie ou classe”, ou seja, algo que não tem igual. Esse é o significado mais relevante em João 3:16. De fato, João é o único autor no Novo Testamento a usar essa palavra para descrever Jesus (veja João 1:14, 18; 3:16, 18; 1 João 4:9). João usa *monogenes* para enfatizar a singularidade de Jesus como o Filho de Deus, destacando que Ele compartilha da mesma natureza Divina do Pai, ao contrário dos crentes, que se tornam filhos de Deus pela fé, mas não possuem a mesma essência Divina de Cristo.

No final, os termos “Pai” e “Filho” usados para descrever a relação entre Deus e Jesus são metáforas humanas que ajudam a ilustrar a dinâmica da Trindade. Embora possamos compreender parcialmente a relação entre um pai e um filho humanos, essa analogia tem suas limitações quando tentamos aplicar conceitos humanos à natureza Divina. Alguns grupos, como as Testemunhas de Jeová, interpretam a expressão “unigênito” de forma literal, sugerindo que Jesus foi “criado” pelo Pai. No entanto, essa visão não está em harmonia com o ensino bíblico, que revela a divindade plena de Cristo como a Segunda Pessoa da Trindade.

O ensino do Cristianismo histórico e das igrejas reformadas encontra-se no Credo Niceno-Constantinopolitano:

“CREMOS em um Deus, o Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

CREMOS em um Senhor – Jesus Cristo, o Unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, pelo qual todas as coisas foram feitas”.

No Credo Atanasiano diz:

“O Pai não foi feito de ninguém, nem criado, nem gerado.

O Filho é do Pai somente, nem feito, nem criado, mas gerado.

O Espírito Santo é do Pai e do Filho, não feito, nem criado, nem gerado, mas procedente”.

Conform vimos acima, por causa da palavra “gerado” as pessoas que negam a Divindade de Jesus Cristo dizem que ele não é eterno, que passou a existir em algum momento da história ou da eternidade. Para essas pessoas o termo “gerado” aplicado a Jesus é como um filho que nasce, ou seja, passa a existir depois do pai.

Em Hebreus 1:5, lemos:

“Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?”

A primeira impressão, com base no entendimento comum sobre filhos gerados, poderia levar à conclusão de que esse versículo fala sobre a origem de Jesus, sugerindo que ele não seria Divino. No entanto, essa interpretação surge do erro de desconsiderar o contexto mais amplo. Quando analisamos o versículo no contexto bíblico, fica evidente que ele não pode ser usado para defender a ideia de que Jesus é uma criatura. Vamos, então, explorar o verdadeiro significado da expressão "gerar" Jesus, conforme apresentada nas Escrituras.

Hebreus 1:5 faz referência à profecia de Salmo 2:7. O Salmo 2 é uma das declarações mais poderosas sobre a supremacia de Jesus, afirmando Sua autoridade sobre todos os inimigos. O salmo descreve o Rei Messiânico sendo coroado, recebendo autoridade para governar sobre todas as nações. Quando diz que Deus "gerou" Jesus, a ideia não é sobre um início ou origem de Cristo, mas sobre Sua exaltação e colocação em uma posição de autoridade. Essa interpretação é confirmada por Jesus, que, após sua ressurreição, declarou: “Toda a

autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mateus 28:18). Usando uma analogia da política moderna, seria como dizer que o Pai “gerou” o Filho da mesma maneira que, por exemplo, se diz que um líder político “gerou” outro, significando que a pessoa foi colocada em uma posição de autoridade com o apoio ou aprovação do líder anterior.

Essa interpretação se torna ainda mais clara quando observamos como o Novo Testamento entende a profecia de Salmo 2:7. Sempre que essa passagem é citada nas Escrituras, a interpretação dos autores inspirados por Deus é consistentemente a de que ela se refere à exaltação de Jesus, e não à Sua origem. O apóstolo Paulo, por exemplo, afirma que essa profecia se cumpriu na ressurreição de Jesus (Atos 13:32-33). Na terra, Jesus se qualificou para ser nosso Sumo Sacerdote, e foi exaltado a essa posição quando venceu a morte e ascendeu ao céu (Hebreus 5:1-10).

Portanto, qualquer dúvida sobre o verdadeiro significado de Salmo 2:7 e Hebreus 1:5 desaparece quando vemos o claro ensino das Escrituras. Deus já declarou que Jesus é o Rei exaltado, o Senhor e o Cristo (Atos 2:22-36). Como afirma Hebreus 13:8: “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre”.

Portanto, do ponto de vista da eternidade, a Igreja sempre reconheceu que a geração de Jesus é eterna, não é temporal e é por isso que ele não tem princípio, mas sempre existiu como Deus e eterno Filho de Deus.

Jesus é o Filho de Deus

Muitas pessoas interpretam a filiação de Jesus em relação a Deus Pai de forma semelhante à filiação humana, em que o pai é superior

aos filhos. No entanto, o significado de Jesus como o Filho de Deus é muito mais profundo e transcende essa visão. A filiação divina de Jesus não implica uma hierarquia de superioridade, mas sim uma união única e misteriosa entre o Pai e o Filho, revelando uma relação de igualdade e unidade essencial.

A ideia de ser "Filho de Deus" na cultura judaica do primeiro século tinha um significado mais amplo, mas Jesus a usou de maneira única e transformadora. No Antigo Testamento, o termo "filho de Deus" era usado de maneira figurativa para se referir ao povo de Israel (Êxodo 4:22), ao rei de Israel (Salmo 2:7) ou a anjos (Jó 1:6). Porém, quando Jesus se referia a Deus como "meu Pai", Ele estava afirmando uma relação única e íntima com Deus, que ia além da concepção comum de filiação.

Na tradição judaica, era comum orar a Deus como "Pai Nosso", o que expressava a relação do povo com Deus de forma coletiva (Mateus 6:9). No entanto, Jesus, ao chamar Deus de "meu Pai", estava sublinhando Sua identidade Divina e Sua autoridade única como Filho de Deus, distinta da relação de todos os outros. Em João 10:30, Ele diz: "Eu e o Pai somos um", mostrando que Sua filiação não era apenas simbólica ou figurativa, mas representava uma unidade essencial com Deus Pai.

Portanto, ser o "Filho de Deus" para Jesus não significava apenas uma relação especial com Deus, mas uma união íntima e substancial com o próprio Deus, algo que era radicalmente diferente da maneira como os outros judeus se viam como filhos de Deus.

“...chamava a Deus de seu próprio Pai,
fazendo-se igual a Deus”

Para entender a gravidade da afirmação de Jesus como "Filho de Deus", é essencial considerar o contexto judaico da época e a forma

como a expressão era compreendida. O Senhor Jesus não estava apenas dizendo que tinha uma relação especial com Deus, mas estava se colocando em uma posição de igualdade com Ele quando se declarava Filho de Deus.

Em João 5:18, o evangelista descreve a reação dos líderes religiosos a essa reivindicação de Jesus:

“Por essa razão, os judeus procuravam ainda mais matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também chamava a Deus de seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus”.

Neste versículo, fica claro que, para os judeus daquela época, a afirmação de Jesus de que Deus era "seu Pai" não era apenas uma expressão de intimidade ou devoção. Para eles, ao chamar a Deus de "meu Pai", Jesus estava, na verdade, se fazendo igual a Deus, uma reivindicação de Divindade. De acordo com a visão judaica, a única relação de "filiação" verdadeira com Deus era a do próprio Deus com o povo de Israel ou com o rei messiânico. Qualquer ser humano que se declarasse "Filho de Deus" dessa forma estava, para os judeus, desafiando a autoridade de Deus e cometendo blasfêmia.

Essa mesma compreensão é refletida no julgamento de Jesus perante o sumo sacerdote Caifás. Em Mateus 26:63-65, Caifás pergunta a Jesus:

“Tu és o Cristo, o Filho de Deus?”

Jesus responde: "Tu o disseste. Porém, eu vos digo: vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vindo nas nuvens do céu”.

Quando Jesus confirma Sua identidade como Filho de Deus e faz uma declaração sobre Sua autoridade divina, Caifás reage imediatamente. “Então, o sumo sacerdote rasgou suas vestes, dizendo: 'Ele blasfemou! Que necessidade temos de testemunhas? Eis que agora ouvistes a blasfêmia!’” (Mateus 26:65).

Caifás vê, nesse momento, uma clara blasfêmia, porque Jesus não apenas se identifica como o Messias, mas também se coloca em posição de igualdade com Deus. A afirmação de Jesus de que Ele é o "Filho de Deus" vai além de uma simples filiação espiritual ou messiânica; Ele está, de fato, se identificando com a natureza divina de Deus, o que para os líderes religiosos da época era uma violação direta das Escrituras e uma ofensa à santidade de Deus.

Sobre a Filiação de Jesus com o Pai, as Testemunhas de Jeová perguntam:

“Se Jesus era Deus, a quem ele orava enquanto esteve na Terra? (Mateus 14:23; 26:26-29) Com certeza ele não estava apenas fingindo que conversava com outra pessoa”.³⁵

É notável que, como de costume, as Testemunhas de Jeová têm dificuldade em fazer a distinção correta entre as Pessoas da Trindade. No entanto, é evidente que Jesus não estava 'fingindo' ao conversar com o Pai. Ele realmente dialogava com o Pai, pois, embora as três Pessoas da Trindade sejam co-eternas e co-iguais, cada uma mantém uma relação distinta dentro da unidade Divina. Quando Jesus se dirige ao Pai, Ele está se relacionando com a Pessoa do Pai de maneira real e íntima, como o Filho que se submete à vontade do Pai.

Jesus é Todo-poderoso

As Testemunhas de Jeová afirmam:

³⁵ Artigo: *Jesus é o Deus Todo-Poderoso?* Site: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/wp20090201/Jesus-%C3%A9-o-Deus-Todo-Poderoso/> Acessado dia 16/11/2024

“JESUS disse que era o Filho de Deus, não o Deus Todo-Poderoso”.³⁶

Muitos questionam a autoridade de Jesus com base em Mateus 20:23 e Marcos 13:32, sugerindo que, se Jesus é Todo-poderoso, Ele não deveria precisar da autorização do Pai ou desconhecer certos eventos. Vamos examinar isso de forma teológica.

Submissão ao Pai, não inferioridade

- Mateus 20:23 -

Quando Jesus responde aos discípulos que os lugares à Sua direita e à Sua esquerda pertencem ao Pai, Ele não está negando Sua autoridade, mas expressando Sua submissão à vontade do Pai. A autoridade de Jesus é plena, mas, como parte do Plano Divino de salvação, Ele se submete ao Pai em Sua função. Isso está em harmonia com Filipenses 2:6-8, onde Jesus, embora sendo Deus, escolhe se humilhar ao tomar forma humana e cumprir Sua missão.

Limitação na Encarnação, não falta de autoridade

- Marcos 13:32 -

Quando Jesus diz que ninguém sabe o dia da Sua volta, nem os anjos, nem Ele mesmo, Ele está se referindo à Sua condição humana limitada, não à falta de autoridade. Em Sua humanidade, Jesus se sujeitou a limitações, como o conhecimento. Isso não diminui Sua Divindade ou Autoridade, pois Ele continua sendo totalmente Deus, e Sua submissão ao Pai faz parte de Sua missão redentora.

³⁶ Idem nº 35.

Autoridade plena de Jesus

Embora Jesus tenha se submetido ao Pai em certos aspectos, Ele afirma Sua autoridade em diversas passagens: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mateus 28:18), e em João 5:22-23, onde Ele recebe honra e autoridade para julgar, igual ao Pai. Essas passagens mostram que, apesar da submissão funcional, a autoridade de Jesus não é inferior à do Pai. Sua obediência ao Pai reflete a harmonia funcional dentro da Trindade, não uma diminuição de Sua soberania.



“Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade...”.

- Colossenses 2:9

Quando o apóstolo Paulo afirma que “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”, ele está enfatizando que Jesus, sendo plenamente Deus e plenamente homem, possui toda a autoridade e poder divinos. A expressão “toda a plenitude” indica que em Jesus não há nenhuma falta ou limitação da natureza divina; Ele é completo em Sua divindade. Isso significa que, como Filho de Deus, Jesus é todo-poderoso e possui todo o poder e autoridade que pertencem a Deus, demonstrando Sua soberania sobre o universo, ainda que em Sua encarnação, Ele tenha se submetido ao Pai em certas funções para cumprir Sua missão redentora.

Outras Passagens Falam sobre a Onipotência de Cristo

“Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”.

- João 1:3

O ato criador de Cristo mostra que Ele exerce poder absoluto sobre toda a criação, evidenciando Sua onipotência. Em Apocalipse 1:8 Jesus é descrito como o Todo-Poderoso, um título que afirma Sua onipotência eterna e soberana:

“Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso”.

O Senhor Jesus demonstra Seu poder sobre a natureza, controlando os elementos com Sua palavra, o que é uma evidência de Sua onipotência.:

“Ele se levantou, repreendeu o vento e disse ao mar: 'Silêncio! Cale-se!' O vento se aquietou, e fez-se grande bonança”.

- Marcos 4:39-41

Sendo Jesus o Deus Verdadeiro, Ele afirma que todas as coisas são possíveis para Deus, refletindo Sua onipotência divina. “Para os homens é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis” (Mateus 19:26).

Essas passagens mostram que Jesus, como Filho de Deus, exerce poder absoluto sobre todas as coisas, confirmando Sua natureza onipotente.

Jesus é Onisciente

A onisciência de Jesus, ou seja, o fato de Ele ser plenamente Deus e possuir conhecimento ilimitado, é um aspecto crucial da Sua Divindade revelada nas Escrituras. Em várias passagens, a Bíblia nos mostra que, embora Jesus tenha se limitado em Sua humanidade durante Sua Encarnação, Ele ainda possuía a onisciência divina. Isso está relacionado ao mistério da “sabedoria e ciência” que habita n'Ele, como descrito em Colossenses 2:3:

“Em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”.

A onisciência de Cristo nas Escrituras

Em João 2:24-25 Jesus conhece o coração humano:

“Mas Jesus não se confiava a eles, porque conhecia a todos, e não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, pois ele sabia o que havia no homem”.

Aqui, vemos claramente que Jesus tinha pleno conhecimento do coração e da mente das pessoas, algo que só Deus pode fazer, pois a verdadeira natureza humana é algo que escapa ao entendimento humano. O rei Salomão, em 1º Reis 8:39, reconheceu que somente Deus tem pleno conhecimento do coração humano. Ele disse:

“...ouve no céu, o lugar da tua habitação, e perdoa, e age, e dá a cada um segundo todos os seus caminhos, conforme o seu coração, **porque tu só conheces o coração de todos os filhos dos homens**”.

- o grifo é meu.

Aqui, Salomão está orando a Deus durante a dedicação do templo e reconhecendo que Deus é o único que conhece verdadeiramente os corações e as intenções humanas. Esse conhecimento perfeito do coração humano é uma característica exclusiva de Deus, que é onisciente.

Quando Jesus, no Novo Testamento, conhece os corações e pensamentos das pessoas, como em Mateus 9:4 (“Jesus, conhecendo os seus pensamentos...”), Ele demonstra Sua onisciência divina,

confirmando que Ele, assim como o Pai, é plenamente capaz de sondar os corações dos homens. Isso é uma evidência de Sua divindade, pois Ele compartilha da mesma capacidade de conhecimento absoluto que só a Deus pertence.

No episódio descrito em João 4:16-19, o Senhor Jesus sabe tudo sobre a mulher samaritana. Quando Jesus fala com a mulher samaritana no poço, Ele revela um conhecimento profundo sobre sua vida pessoal, dizendo-lhe que ela teve cinco maridos e agora estava com outro homem que não era seu marido. Esse conhecimento detalhado da vida de alguém demonstra a onisciência de Jesus.

O texto de Mateus 11:27 dá uma demonstração do conhecimento pleno do Pai e do Filho:

“Tudo me foi entregue por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”.

Nesta passagem, Jesus afirma que Ele tem um conhecimento perfeito do Pai, algo que só é possível para alguém com Sua natureza Divina. A onisciência de Jesus é evidenciada pela Sua capacidade única de revelar a Deus ao homem.

Jesus tem pleno conhecimento das coisas futuras

João 16:30-31:

“Agora sabemos que sabes todas as coisas, e não precisas que alguém te interroge; por isso cremos que vieste de Deus”.

Seus discípulos reconhecem que Jesus possui um conhecimento absoluto de todas as coisas, confirmando Sua onisciência.

Conhecimento das obras e corações

Apocalipse 2:23:

“E todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda os rins e os corações; e darei a cada um de vós segundo as vossas obras”.

Aqui, Jesus afirma ser Aquele que conhece profundamente as intenções e o coração dos homens. Ele pode sonda-los, o que é uma característica exclusivamente Divina.

O Mistério da Sabedoria e Ciência em Cristo

Já vimos que em Colossenses 2:3 o apóstolo Paulo afirma que em Cristo estão “escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Isso reflete a natureza Divina de Cristo, que possui o conhecimento completo de todas as coisas, pois Ele é a fonte da sabedoria e ciência. A sabedoria de Cristo não é apenas uma sabedoria humana ou adquirida, mas uma sabedoria eterna, divina, que tem sua origem em Deus Pai. O texto de 1ª Coríntios 1:24 também aponta para Cristo como a sabedoria de Deus:

“Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus”.

Além disso, em João 21:17, quando o apóstolo Pedro responde a Jesus dizendo: “Senhor, tu sabes todas as coisas”, ele reconhece explicitamente a onisciência de Cristo.

A onisciência de Jesus está claramente revelada em várias passagens dos Evangelhos e das Epístolas. Ele tem pleno conhecimento das intenções humanas, do futuro, e de todas as coisas, o que afirma Sua divindade. Ele é, em Sua essência, a sabedoria e ciência de Deus. Embora tenha se limitado em Sua humanidade durante Sua

Encarnação, não há dúvidas de que Ele é totalmente onisciente, como Deus, e isso está em harmonia com o mistério da Trindade, onde o Filho, embora em forma humana, continua sendo totalmente Deus.

Jesus é Onipresente

A onipresença de Jesus, como o Verbo divino (ou Logos), é um aspecto fundamental de Sua natureza Divina e está intimamente ligada à Sua essência como Deus. De acordo com a doutrina cristã tradicional, enquanto Jesus, em Sua humanidade, esteve limitado ao tempo e ao espaço, em Sua natureza divina Ele sempre foi onipresente, ou seja, Ele está presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Isso é especialmente visível quando consideramos Sua relação com o Pai e Sua presença no mundo desde a eternidade.

O Logos é co-eterno com o Pai e, como Deus, tem a capacidade de estar em todos os lugares, sustentando e governando o universo. Este aspecto de Sua natureza divina é o fundamento para a sua onipresença, uma característica que Jesus, como o Logos, sempre teve, antes da Sua encarnação.

Jesus, a Onipresença na Glória Divina

Quando Jesus se fez carne e habitou entre nós, Ele experimentou as limitações humanas (como tempo, espaço e localidade). Porém, em Sua natureza divina, Ele nunca deixou de ser onipresente. Isso é confirmado quando, em Sua glória, Ele afirma Sua presença universal em Seu ministério e nas Escrituras.

Em João 8:58, Jesus declara: “Antes que Abraão existisse, Eu sou”. Já vimos em outro tópico que ao afirmar “Eu sou”, Ele se identifica com o nome de Deus revelado a Moisés (Êxodo 3:14), o que implica Sua eternidade e presença atemporal. Jesus, como o Logos, sempre foi e sempre será, presente em todos os lugares, antes da criação do mundo.

A Onipresença de Jesus no Novo Testamento

Após a ressurreição e a Ascensão de Jesus, Ele afirma Sua onipresença de forma explícita. Em Mateus 28:20, Jesus diz aos Seus discípulos:

“E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século”.

Essa afirmação reflete a onipresença de Jesus, não apenas como um homem que esteve fisicamente com os discípulos, mas como o Verbo divino, que está com Sua igreja em todo o tempo e em todos os lugares, por meio do Espírito Santo. Ele está com todos os Seus seguidores em qualquer lugar, o que demonstra Sua presença contínua e universal.

Além disso, em João 14:17, Jesus promete aos Seus discípulos que o Espírito Santo estará com eles para sempre:

“O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”.

Embora Jesus tenha se limitado em Sua humanidade, Ele também compartilhou a onipresença com o Espírito, que habita em todos os crentes. Dessa forma, a onipresença de Cristo é mantida após Sua

ascensão, pois Ele continua presente em Seus seguidores através do Espírito Santo.

O Verbo Sustentador e Onipresente

Em Colossenses 1:17, Paulo escreve: “Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste”. Isso indica que Jesus, como o Verbo Divino, não só está presente em todos os lugares, mas também sustenta toda a criação. Sua onipresença está diretamente relacionada ao Seu papel como sustentador do universo. Ele não é apenas uma presença passiva, mas ativamente mantém a ordem cósmica.

Da mesma forma, em Hebreus 1:3, é dito que Jesus sustenta “todas as coisas pela palavra do seu poder”, o que também aponta para Sua onipresença e atividade contínua no universo, uma vez que Ele é aquele que mantém a existência de todas as coisas, em todos os lugares e tempos.

Obras Teológicas sobre a Onipresença de Cristo

Teólogos cristãos, como Agostinho e Tomás de Aquino, abordaram a onipresença de Cristo como uma característica da Sua divindade eterna. Agostinho, em sua obra *A Trindade*, fala da onipresença de Cristo como a realidade de que o Filho de Deus, sendo co-eterno com o Pai, é simultaneamente presente em todos os lugares, tanto na criação quanto na igreja.

Tomás de Aquino, em sua *Suma Teológica*, explica que, embora a humanidade de Cristo estivesse localizada no tempo e no espaço, a Sua divindade, enquanto o Logos, é imutável e onipresente. Ele

escreve: “Cristo, como Deus, é onipresente em todos os lugares, mas Sua presença no corpo humano é limitada ao tempo e ao espaço”.

Em resumo, a onipresença de Cristo como o Verbo Divino é uma característica essencial de Sua natureza eterna. Jesus, enquanto o Logos, sempre foi e sempre será onipresente, sustentando e governando o universo. Mesmo em Sua Encarnação, onde Ele assumiu limitações humanas, Ele nunca deixou de ser onipresente em Sua divindade. Jesus, como o Verbo, está presente em todos os lugares, sustentando todas as coisas, e continuará a estar com Seus seguidores, por meio do Espírito Santo, até o fim dos tempos.

Jesus é Senhor (Kyrios)

A palavra grega *Kyrios* (κύριος) é um termo grego central no Novo Testamento e tem um significado profundo e multifacetado, especialmente quando aplicada a Jesus. Para entender plenamente o que significa Jesus ser "Senhor", é importante examinar tanto o contexto bíblico quanto o uso dessa palavra na cultura grega e judaica.

Na língua grega, *Kyrios* significa “senhor”, “mestre” ou “dominador”. Em sua forma mais básica, refere-se a alguém que tem autoridade ou poder sobre outra pessoa ou coisa. O termo também pode ser usado para indicar uma pessoa de alto status, como um governante ou proprietário.

No entanto, no contexto do Novo Testamento, *Kyrios* é utilizado para designar alguém que tem autoridade absoluta, uma autoridade Divina. Quando se refere a Jesus, o termo é carregado de um significado teológico profundo, pois implica que Ele tem autoridade divina sobre todas as coisas.

Na tradição judaica, o termo *Kyrios* era frequentemente usado como uma substituição para o nome sagrado de Deus, YHWH (Yahweh), o tetragrama que representa o nome de Deus revelado a Moisés (Êxodo 3:14). Devido ao respeito profundo pelo nome de Deus, os judeus evitavam pronunciar o nome de Deus e, no lugar disso, usavam palavras como *Adonai* ou *Kyrios*, que significam “Senhor” em hebraico e grego, respectivamente.

Quando os cristãos começaram a aplicar o título de *Kyrios* a Jesus, eles estavam afirmando, de forma implícita e explícita, que Ele compartilhava da autoridade Divina de Deus. Isso é especialmente significativo no contexto do Novo Testamento, onde Jesus é frequentemente reconhecido como o Senhor divino, equivalente a Deus Pai.

Muitos recorrem a 1ª Coríntios 8:6 para tentar negar a Divindade de Cristo. O versículo diz: “... para nós, porém, há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos”.

O problema, no entanto, está em uma interpretação equivocada do texto. Se, por um lado, é afirmado que somente o Pai é Deus, por outro lado, também é dito que somente Jesus é o Senhor. Seguindo uma lógica incorreta, poderíamos chegar à conclusão de que Jesus não é Deus e que o Pai não é Senhor, o que geraria uma contradição e um conflito teológico.

Na verdade, o texto de 1ª Coríntios 8:6 não está excluindo Jesus da Divindade nem o Pai da soberania. Pelo contrário, ele está colocando Pai e Filho no mesmo plano de igualdade: ambos são fundamentais para a criação e a vida humana, e ambos igualmente fazem parte da mesma Divindade. Jesus é o “Senhor” que, por meio Dele, todas as coisas vieram à existência, enquanto o Pai é o “Deus” originador de

tudo. A equidade entre as duas pessoas da Trindade é afirmada na relação de total unidade e distinção entre elas.

Jesus é o Senhor da Criação

Em várias passagens do Novo Testamento, a palavra *Kyrios* é usada para descrever Jesus como Aquele que tem autoridade sobre toda a criação. Por exemplo, em João 1:3, é afirmado que, por meio de Jesus (o Verbo), todas as coisas foram feitas: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”.

Esse é um aspecto fundamental da Soberania de Jesus: como *Kyrios*, Ele não é apenas um mestre ou líder, mas o Criador e sustentador do Universo.

Em Mateus 28:18, Jesus afirma: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”. Aqui, Ele usa a palavra *Kyrios* implicitamente ao afirmar que Ele detém toda a autoridade Divina, tanto no céu quanto na terra. Ele é o Senhor Soberano que governa sobre todas as coisas, incluindo os reinos espirituais e terrenos.

Em Romanos 10:9, Paulo escreve:

“Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor (*Kyrios*), e em teu coração creeres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”.

Esta confissão de fé é central para a salvação cristã. A afirmação de que “Jesus é o Senhor” (*Kyrios*) é uma declaração de fé na Sua Divindade, na Sua ressurreição e na Sua autoridade salvadora.

Kyrios e o Antigo Testamento

Em várias passagens do Antigo Testamento, Deus é referido como *Kyrios* (Senhor). Por exemplo, em Isaías 45:23, Deus diz:

“Por mim mesmo jurei, da minha boca saiu a palavra em justiça, e não voltará: a cada joelho se dobrará diante de mim, e toda língua jurará fidelidade”.

Essa passagem é citada em Filipenses 2:10-11 sobre a exaltação de Jesus após Sua morte e ressurreição:

“Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”.

Aqui, Paulo aplica uma profecia de Isaías sobre Deus ao próprio Jesus, reconhecendo-O como o *Kyrios* Divino, digno de adoração e reverência universal.

Ser chamado de "Senhor" também implica uma chamada à obediência. Jesus, como *Kyrios*, é aquele que governa e cuida dos Seus seguidores. Em Lucas 6:46, Jesus questiona:

“Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?”

Este versículo aponta para o fato de que chamar Jesus de "Senhor" exige não apenas uma declaração verbal, mas também uma obediência prática aos Seus ensinamentos e à Sua autoridade.

Em Apocalipse 19:16, Jesus é descrito como o “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (*Kyrios tōn kyriōn*), uma expressão que confirma Sua Soberania Absoluta sobre todo o Universo, um título que normalmente seria atribuído a Deus. Essa Soberania é Absoluta, universal e eterna.

Kyrios no Contexto do Império Romano

No contexto do Império Romano, a disputa entre Cristo ser o Senhor e César ser o Senhor era uma questão central para os primeiros cristãos. O imperador romano César era considerado divinamente designado e, em muitos casos, cultuado como "Senhor" ou "Deus". O imperador exigia lealdade total e muitas vezes era adorado como uma figura divina.

Para os cristãos, declarar que Jesus Cristo é o Senhor (*Kyrios*) era uma afirmação radical de Sua divindade e soberania suprema sobre toda a criação, em oposição à autoridade de César. Isso gerava um grande conflito, pois implicava a recusa em adorar César e, muitas vezes, levava à perseguição. Para os cristãos, a frase "Jesus é Senhor" afirmava que somente Cristo tem autoridade absoluta, o que desafiava diretamente o poder e a divindade reivindicados pelo imperador romano.

Portanto, a disputa era mais do que uma questão política; era uma questão de fé e lealdade. Os cristãos afirmavam que Jesus, como o verdadeiro Senhor, era o único digno de adoração, uma declaração que colocava os seguidores de Cristo em oposição ao culto imperial e à autoridade de César.

Conclusão deste Capítulo

O título *Kyrios* atribuído a Jesus no Novo Testamento não é apenas um termo de respeito ou autoridade humana, mas uma afirmação de Sua Divindade e soberania divina. Como *Kyrios*, Jesus é o Senhor que tem autoridade sobre a criação, sobre a história e sobre os corações humanos. Ele é o Senhor eterno, digno de adoração e obediência, em

plena igualdade com o Pai. Ao chamá-Lo de Senhor, os cristãos reconhecem não apenas Sua autoridade como Mestre, mas Sua Soberania como Deus, o Criador e Sustentador do Universo.

Capítulo 3

O Espírito Santo é Deus

O Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, é uma das figuras mais centrais e ao mesmo tempo misteriosas da Fé Cristã. Através das Escrituras, vemos que Ele não é apenas uma força ou influência impessoal, mas uma Pessoa Divina com atributos e atividades que refletem Sua igualdade em essência com o Pai e o Filho. Vamos explorar cada um desses aspectos a partir da revelação bíblica, buscando compreender melhor quem é o Espírito Santo e qual o Seu papel na vida do crente e no Plano Redentor de Deus.

Sua Divindade

A primeira verdade fundamental que precisamos afirmar é que o Espírito Santo é plenamente Deus, igual ao Pai e ao Filho, mas com uma personalidade distinta. Em Atos 5:3-4, vemos uma passagem chave que confirma a Divindade do Espírito Santo, onde Pedro confronta Ananias e Safira sobre a mentira que eles disseram em relação ao dinheiro doado à Igreja, afirmando:

“Ananias, por que mentiste ao Espírito Santo? Não mentiste aos homens, mas a Deus”.

- Atos 5:3-4

Aqui, o Espírito Santo é chamado de Deus, evidenciando Sua plena Divindade. A mentira contra o Espírito Santo é, portanto, uma mentira contra Deus, mostrando que Ele é digno da mesma reverência e adoração que o Pai e o Filho.

Sua Personalidade

O Espírito Santo não é uma força impessoal, mas uma Pessoa Divina, com vontade, inteligência e emoção. Em 1ª Coríntios 12:11, Paulo fala sobre o Espírito Santo distribuindo dons como Ele quer, o que demonstra Sua liberdade e vontade própria:

“Mas um e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, distribuindo-as individualmente a cada um, como Ele quer”.

- 1 Coríntios 12:11

Além disso, em Efésios 4:30, vemos que o Espírito Santo pode ser entristecido, o que também revela Sua sensibilidade emocional:

“Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção”.

- Efésios 4:30

Esses versículos deixam claro que o Espírito Santo é mais do que uma força; Ele é uma Pessoa Divina que age, sente e se relaciona conosco.

Seu Senhorio

O Espírito Santo é Senhor e tem autoridade Divina. Em 2ª Coríntios 3:17, Paulo afirma que o Espírito é Senhor, e Sua presença traz liberdade:

“Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”.

- 2ª Coríntios 3:17

Esta afirmação revela que o Espírito Santo exerce o Senhorio de Deus na vida do crente, trazendo liberdade do pecado e transformando aqueles que se submetem ao Seu governo.

Onipresença

O Espírito Santo é onipresente, isto é, Ele está presente em todos os lugares ao mesmo tempo. O salmista expressa isso de forma clara em Salmo 139:7-10:

“Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que lá também estás. Se tomar as asas da alva e morar nas extremidades do mar, até lá a tua mão me guiará, e a tua destra me susterá”.

- Salmo 139:7-10

O Espírito Santo está presente em todos os lugares, o que significa que Ele está sempre ao alcance daqueles que buscam a Deus e que também traz convicção ao coração humano, onde quer que estejam.

Onipotência

O Espírito Santo é onipotente, ou seja, Ele possui todo o poder de Deus. Em Lucas 1:35, vemos o poder do Espírito Santo de forma explícita na concepção de Jesus:

“Respondeu o anjo, e disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente santo que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus”.

- Lucas 1:35

O Espírito Santo tem o poder de fazer o impossível acontecer, como a concepção virginal de Jesus, demonstrando Sua onipotência Divina.

Onisciência

O Espírito Santo é também onisciente, ou seja, Ele sabe todas as coisas, inclusive os pensamentos profundos de Deus. Em 1ª Coríntios 2:10-11, Paulo fala sobre como o Espírito Santo penetra os mistérios de Deus e revela o que Deus tem preparado para aqueles que O amam:

“Mas Deus no-los revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, se não o espírito do homem que nele está? assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus”.

- 1ª Coríntios 2:10-11

Isso nos ensina que o Espírito Santo é capaz de conhecer os mistérios Divinos e de nos revelar a mente de Deus, conduzindo-nos à verdade plena.

A Heresia de ser Ele a Força Ativa de Deus

Embora o Espírito Santo seja frequentemente associado à ação de Deus no mundo, como Sua força ativa, é um erro considerá-Lo

apenas uma impessoalidade ou uma mera energia. As Testemunhas de Jeová em sua heresia acerca do Espírito Santo, dizem:

“O espírito santo é o poder de Deus em ação, é sua força ativa. (Miqueias 3:8; Lucas 1:35) A Bíblia diz que Deus ‘envia seu espírito’. Como ele faz isso? Ele projeta sua energia para onde for necessário a fim de fazer sua vontade. — Salmo 104:30; 139:7.

Na Bíblia, a palavra “espírito” é uma tradução do hebraico *rú·ahh* e do grego *pneú·ma*. Na maioria das vezes, esses termos se referem à força ativa de Deus, ou espírito santo. (Gênesis 1:2)³⁷

Contrariando esse ensinamento falso, o Espírito é Deus em Sua totalidade, com vontade e personalidade. Em Romanos 8:27, vemos que o Espírito tem uma mente, e não é apenas uma força:

“E aquele que sonda os corações sabe qual é a intenção do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que Ele intercede pelos santos”.

- Romanos 8:27

Não podemos reduzir o Espírito Santo a uma mera força ou poder de Deus, pois Ele é a terceira Pessoa da Trindade, com pleno direito à adoração e à submissão dos crentes.

Mas, as heresias das Testemunhas de Jeová não param. Elas afirmam que “a Bíblia fala o nome de Jeová Deus e de seu filho, Jesus Cristo. Mas em nenhum lugar ela diz que o espírito santo tem nome. (Isaías 42:8; Lucas 1:31)”.³⁸ É verdade que o conceito de que o Espírito Santo é “Jeová” (ou “YHWH”, o nome de Deus revelado no Antigo Testamento) não é explicitamente encontrado em um único versículo, mas sim por meio de implicações e a revelação progressiva

³⁷ Artigo: *O que é o espírito santo?* Site: <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/o-que-e-o-espírito-santo/> Acessado dia 16/11/2024

³⁸ Idem nº 37.

da Escritura sobre a natureza Divina do Espírito Santo. A Bíblia ensina, no entanto, que o Espírito Santo é plenamente Deus, e, como tal, Ele compartilha da mesma essência divina que o Pai e o Filho, sendo igualmente digno de adoração e reverência. No texto de 2ª Coríntios 3:17 em que se afirma que “o Senhor é o Espírito”, o apóstolo Paulo faz uma relação direta entre "o Senhor" e "o Espírito", destacando que o Espírito Santo é o Senhor (YHWH). A expressão "o Senhor é o Espírito" também sugere que o Espírito Santo compartilha da mesma natureza divina que o Senhor Deus (Jeová) no Antigo Testamento.

Embora não haja um versículo único que afirme explicitamente que “o Espírito Santo é Jeová”, as Escrituras, especialmente no Novo Testamento, revelam que o Espírito Santo compartilha da mesma Divindade e essência de Deus Pai e Deus Filho. Ele é digno de adoração e é identificado com o "Senhor" do Antigo Testamento, o que implica que o Espírito Santo é plenamente Deus, igual a Jeová.

As Testemunhas de Jeová afirmam que “quando o mártir cristão Estêvão teve milagrosamente uma visão do céu, ele viu apenas duas pessoas, não três. A Bíblia diz: “Ele, cheio de espírito santo, fitou os olhos no céu e avistou a glória de Deus, e Jesus em pé à direita de Deus.” (Atos 7:55) O espírito santo era o poder de Deus em ação, e foi por meio dessa força que Estêvão recebeu a visão”.³⁹ O problema dessa declaração é que nega que a Trindade estava presente na visão de Estêvão. Ao mesmo em que Jesus estava “em pé à direita de Deus”, Estêvão estava cheio do Espírito Santo.

Por que Estêvão viu apenas o Pai e o Filho, mas não o Espírito Santo? Esta pergunta se relaciona com a maneira como Deus se revela aos seres humanos. A visão de Estêvão, como todas as visões espirituais, não precisa ser uma representação exata da realidade física e eterna de Deus, mas uma manifestação limitada e acessível da glória

³⁹ Idem nº 37.

Divina para aquele momento específico. O fato de Estêvão ver o Pai e o Filho e não o Espírito Santo pode ser uma questão de ênfase na Trindade, não implicando uma ausência do Espírito Santo, mas sim destacando o relacionamento entre o Pai e o Filho, especialmente no contexto da Obra Redentora de Cristo.

A visão de Estêvão pode refletir um "ponto focal" da revelação de Deus naquele momento, que enfatiza Jesus como o mediador da salvação, conforme o Pai o exalta à Sua direita (um ato de autoridade). O Espírito Santo não aparece explicitamente na visão porque Sua obra é mais frequentemente associada à operação invisível e interna em nossos corações e nas ações do crente, e não tanto a uma manifestação visível no Céu. O Espírito age de maneiras diferentes — Ele habita nos crentes e não é frequentemente visto diretamente em visões, embora seja igualmente Divino.

Além disso, a visão de Estêvão é uma experiência espiritual direta que reflete uma visão temporária da realidade celestial, e as manifestações de Deus visíveis a seres humanos muitas vezes são limitadas por nossa capacidade de percepção. O Espírito Santo, que é o Consolador e presente de forma interna nos crentes, pode ser menos visível na teofania, já que Sua obra no mundo muitas vezes é mais "invisível" e interna do que a obra do Filho, que se manifestou fisicamente na terra.

Como o Pai pode estar "assentado ao lado do Filho" se ninguém pode ver a Deus? A Escritura ensina que ninguém pode ver a Deus em Sua totalidade e viver (como em Êxodo 33:20: “Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver a minha face e viver”). Deus, em Sua essência Divina e infinita, é inacessível à visão humana, especialmente quando consideramos Sua santidade e majestade. Contudo, a ideia de Deus assentado ao lado de Jesus em algumas visões pode ser entendida de maneira figurativa ou, em alguns casos, como uma forma de manifestação acessível da glória divina.

A Expressão "à direita de Deus"

A expressão "à direita de Deus" (ou "à direita do Pai") é uma metáfora usada em várias partes da Bíblia para descrever a autoridade e o poder de Jesus após Sua ascensão. Em Atos 7:55-56, quando Estêvão vê "o Filho do Homem à direita de Deus", isso não deve ser interpretado de maneira literal como se Deus Pai estivesse fisicamente sentado em um trono à direita de Jesus, como se fosse uma cena humana. Em vez disso, essa expressão significa:

Autoridade e Poder: "À direita" é um símbolo de posição de honra, autoridade e soberania. Jesus, como o Filho de Deus, foi exaltado por Deus Pai, e Sua posição "à direita" significa que Ele tem toda autoridade e poder (como é dito em passagens como Mateus 28:18: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra"). A "direita" de Deus não implica em um espaço físico ao lado de Deus, mas em uma posição de supremacia e governança.

Teofania acessível: Embora ninguém possa ver a Deus Pai em Sua totalidade (em Sua essência), a Escritura nos mostra que, em várias ocasiões, Deus se manifesta de maneira visível, embora limitada, aos seres humanos (por exemplo, a nuvem de glória no Antigo Testamento, ou o rosto de Moisés brilhando após seu encontro com Deus). Em certos momentos, como em Atos 7, Deus escolhe revelar a glória de Cristo, o Filho, de uma forma que é visível para aqueles que o recebem. Isso não é uma visão literal de toda a "essência de Deus", mas uma manifestação visível da Sua autoridade.

O batismo em Nome do Espírito Santo

O batismo em Nome do Espírito Santo prova que Ele é uma Pessoa Divina. O conceito de "nome" na tradição judaica está profundamente ligado à identidade e autoridade. Para os judeus, o nome de uma pessoa, especialmente o nome de Deus, revela Sua essência Divina e autoridade. No Antigo Testamento, o nome de Deus, como YHWH, é tratado com reverência, representando a própria presença e poder de Deus. Ao ser batizado "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19), o Espírito Santo é incluído na mesma expressão de autoridade divina, o que implica que Ele é plenamente Divino, compartilhando da mesma essência que o Pai e o Filho.

Para os judeus, a inclusão do Espírito Santo no batismo não seria meramente uma referência a uma força ou poder impessoal, mas uma afirmação de que Ele, como o Pai e o Filho, é Deus. Assim, o batismo em nome do Espírito Santo confirma Sua divindade e Sua identidade Divina, já que o nome de Deus é inseparável de Sua natureza e autoridade.

É Possível estar Cheio de uma Pessoa?
Pode uma Pessoa ser Derramada?

A metáfora de estar “cheio do Espírito Santo” ou o Espírito ser “derramado” sobre alguém não diminui Sua personalidade, mas descreve como Ele age poderosamente em nós. Quando a Bíblia diz que alguém está cheio do Espírito Santo, como em Efésios 5:18, significa que a pessoa está sendo influenciada e controlada pelo Espírito, de forma espiritual, sem perder sua identidade como uma Pessoa Divina.

Da mesma forma, o “derramamento” do Espírito, como em Atos 2:17, não implica que Ele se torne impessoal, mas que Ele se dispõe abundantemente para capacitar ou transformar aqueles que O recebem. Essa metáfora é usada para expressar uma manifestação abundante de Sua presença, como quando Paulo se oferece como uma libação (Filipenses 2:17), sem perder sua identidade pessoal.

Em resumo, o Espírito Santo é uma Pessoa Divina, e termos como “encher” ou “derramar” são metáforas para descrever Sua ação poderosa e transformadora, não uma perda de Sua pessoa ou identidade.

A Blasfêmia contra o Espírito Santo

Seria um pecado imperdoável ensinar que o Espírito Santo não é uma Pessoa Divina?

A blasfêmia contra o Espírito Santo é descrita nas Escrituras como o único pecado imperdoável, conforme nos ensina Jesus em Mateus 12:31-32:

“Por isso vos digo: Todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada. E todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado; mas quem disser contra o Espírito Santo não será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro”.

- Mateus 12:31-32

Este pecado é a rejeição consciente e persistente da obra do Espírito Santo de trazer convencimento de pecado e salvação em Cristo. A blasfêmia contra o Espírito Santo ocorre quando alguém se recusa a reconhecer o testemunho do Espírito, rejeitando a graça de

Deus de maneira final. Não é que o pecado em si seja mais grave que outros ao ponto de Deus não conseguir perdoar, mas sua natureza está na resistência ao poder salvador do Espírito, que é a única maneira de uma pessoa ser reconciliada com Deus.

O sacrifício de Cristo na cruz é perfeito e infinito, capaz de perdoar qualquer pecado, como ensinado em Hebreus 10:14. Contudo, a blasfêmia contra o Espírito Santo, mencionada em Mateus 12:31-32, é um pecado imperdoável. A razão para isso não é que o sacrifício de Cristo não seja suficiente, mas porque a blasfêmia contra o Espírito é uma rejeição consciente e definitiva da Obra do Espírito Santo, que é quem nos leva ao arrependimento e nos aplica a salvação.

A tensão entre um sacrifício infinito e um pecado imperdoável é resolvida ao entender que Deus oferece o perdão por meio de Cristo, mas esse perdão só pode ser recebido se a pessoa aceitar o testemunho do Espírito. A rejeição final do Espírito é imperdoável, pois impede a pessoa de se arrepender e aceitar o perdão de Deus. Assim, o pecado imperdoável ocorre quando alguém recusa a única fonte de salvação, que é a ação do Espírito Santo.

Sugiro a leitura do meu e-book *“O Perdão do Pecado Imperdoável - Uma análise da parte mais anti-Evangelho do Evangelho”*.⁴⁰

Conclusão deste Capítulo

O Espírito Santo é Deus, com todos os atributos Divinos: Ele é pessoal, onipresente, onipotente, onisciente, e exerce o Senhorio de Deus sobre os crentes. Sua presença no mundo e na vida do cristão é

⁴⁰ E-book: O Perdão do Pecado Imperdoável - Uma análise da parte mais anti-Evangelho do Evangelho. César Francisco Raymundo. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_O_Perdao_do_Pecado_Imperdoavel.html Acessado dia 16/11/2024

fundamental para o cumprimento do Plano de salvação e transformação que Deus iniciou através de Jesus Cristo. Reconhecer o Espírito Santo em Sua plenitude e entregar-se à Sua ação é fundamental para uma vida de fé verdadeira e vivência na Trindade.

Conclusão: A doutrina da Trindade é Verdadeira!

Ao longo deste e-book, explorei a profundidade e a importância da doutrina da Trindade, que nos revela a natureza de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo — três Pessoas distintas, mas co-iguais e co-eternas em uma única essência Divina. Essa doutrina é fundamental não apenas para a nossa compreensão teológica de Deus, mas para o caminho da salvação em Cristo, a transformação da vida cristã e até mesmo para a correta compreensão da realidade em si.

Marcos Dias, em sua afirmação, diz: “Todo trinitariano moderno é um triteísta, e não sabem que são, pois sofrem do efeito Dunning-Kruger”.⁴¹ Essa crítica é um alerta para o risco de reduzirmos a Trindade a uma visão equivocada de Deus. Muitos, ao tentarem defender a Trindade, acabam caindo em uma visão triteísta (a ideia de três deuses), porque não conseguem compreender a unidade plena de Deus em Sua essência e a distinção das três Pessoas. O efeito Dunning-Kruger se refere ao fenômeno em que, quanto menos conhecimento se tem sobre um assunto, mais confiança se tem em saber sobre ele. Isso, no contexto da doutrina da Trindade, significa que, ao tentar simplificar ou negar aspectos importantes da natureza de Deus, muitos acabam distorcendo a verdade fundamental da Fé Cristã sem perceberem.

⁴¹ Idem nº 14, pg. 20.

A doutrina da Trindade não é apenas um conceito teológico abstrato; ela fundamenta nossa adoração e nossa visão de mundo. Quando nos afastamos dessa verdade, as consequências não se limitam ao erro teológico, mas se estendem para todas as áreas da vida e do conhecimento. Se não reconhecemos que há um único Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo, e que Ele é a própria Verdade, acabamos criando visões distorcidas de todas as outras áreas da existência. A moralidade, a ética, as relações humanas, a política e até a Ciência acabam sendo afetadas por nossa compreensão errada de quem Deus é.

A Trindade é a solução para esse dilema. Ela revela o caráter correto de Deus e nos aponta para a verdadeira adoração, que é a base para todas as outras dimensões da vida. O Deus Trino é a Verdade Absoluta que deve ser o ponto de partida para toda a nossa visão de mundo. Quando adoramos corretamente, em espírito e em verdade, reconhecendo o Pai, o Filho e o Espírito Santo, estamos alinhados com a realidade fundamental que sustenta o Universo.

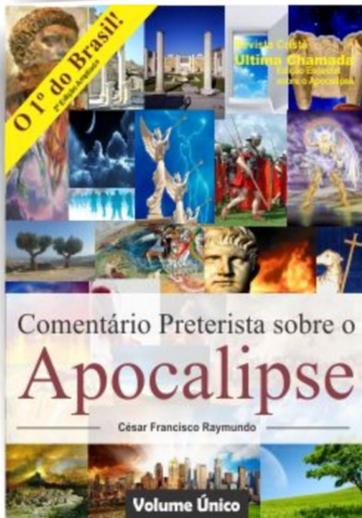
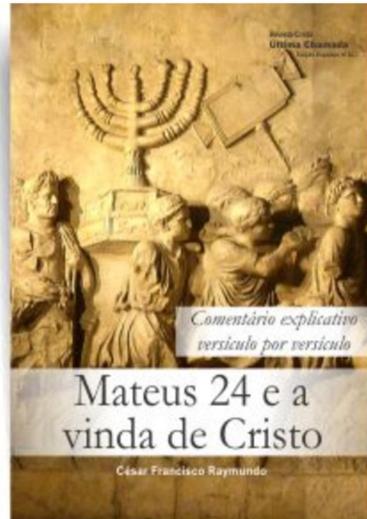
E, por fim, a Trindade é a chave para a nossa salvação. Somente por meio da obra do Filho na cruz, pelo poder do Espírito Santo, e com a aprovação do Pai, somos reconciliados com Deus. A salvação em Cristo é a obra trinitária em ação — a perfeita harmonia e interdependência das três pessoas da Trindade, trabalhando juntas para a redenção da humanidade.

Portanto, acreditar na verdade trinitária não é apenas uma questão de doutrina, mas uma questão de vida e morte. É reconhecer que, ao adorar o Deus Trino, estamos alinhados com a Verdade que sustenta tudo. A Trindade é a solução para nossa compreensão correta de Deus, e, por meio dessa verdade, encontramos também a solução para todos os problemas da vida, porque Ele é a Fonte de toda a realidade, sabedoria e salvação.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança
Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?